



REVISTA

A ADVENTISTA

da Igreja Adventista do Sétimo Dia Portugal Abril de

Chamado a Depor

*Um Incrédulo é Chamado a depor
Sobre a Ressurreição de Jesus*

Cartas do leitor

“... Algumas notícias de acontecimentos do nosso Campo, chegam aos leitores com quatro, cinco meses de atraso, o que as torna praticamente sem interesse...”

Vários leitores

NR: Esta reclamação é justa e estamos a fazer os possíveis para que isso deixe de acontecer. No entanto, queremos fazer notar que, dadas as nossas condições de trabalho, as revistas têm de ser preparadas com alguma antecedência. Assim, quanto mais tarde nos forem enviadas as notícias, mais tarde serão publicadas. Que, quem as envia, tome isso em consideração.

“... Sinto-me fortalecido ao ler e reler mensalmente a Revista Adventista. Observo o esforço do seu novo visual que, certamente, irá alcançar bons resultados”.

Álvaro Bastos
(Colportor de avançada em Horta - Açores)

Através deste espaço iremos sentir o pulsar dos leitores desta Revista. Aqui passaremos a publicar as sugestões que nos forem chegando para que possamos melhorar quanto à forma e conteúdo.

Esta Revista pretende também lançar o convite a todos os que desejarem escrever sobre um tema de que gostem, contar uma experiência ..., visto que essa iniciativa nos irá enriquecer. Aos editores reserva-se o direito de seleccionar os assuntos que se julgarem mais importantes e prementes dentro da filosofia desta Revista.

Esta Revista é também sua ... Não deixe de participar!

Cursos de Formação Permanente

Data: 04 a 18 de Agosto

Local: Colégio Adventista de Oliveira do Douro

Temas: Apologética - Apocalipse - Dinâmica do Evangelismo Pessoal - O Grande Movimento Adventista. (Efectuar-se-ão saídas missionárias e organizar-se-á uma excursão de carácter cultural a locais pitorescos e históricos do Porto.)

Condições Financeiras:

Inscrição: 1.500\$00

Custo: 42.000\$00

(Repartido por: União = 13.000\$00;

lg. local = 5.000\$00;

Aluno/a = 24.000\$00)

Belém e o Calvário

*A noite era bela! Deslixava tranquilamente!
O manto azul do céu tinha estrelas multicores.
Nos prados os rebanhos dormiam, calmamente
Vigiados pelo olhar atento e amigo dos pastores.*

*Luz do maior fulgor, súbito, envolve a campina.
Cânticos celestiais acordam Terra e Céus.*

*“Não temais” homens a nossa missão é divina
Entre vós nascido está Emanuel! Convosco Deus!*

*Do Eterno as promessas se cumpriram e, em Belém,
Vos nasceu, hoje, o Salvador que é Cristo o Senhor.
Ide e encontrareis com José e Maria, Sua Mãe,
Jesus, de Deus, o Filho, a encarnação do amor!*

*E, deixando os rebanhos, desceram os pastores
À cidade de Belém, com pressa a contemplar
Aquele menino nado, futuro “Homem de Dores”,
Nascido na pobreza para o pecador salvar.*

*Cresceu, Homem Se fez. Médico foi e Pregador.
Mas o Seu povo não o recebeu e O desprezou.
Nas Suas palavras e milagres não viu o Seu amor
E uma cruz fez para Ele e no Calvário O matou.*

*Ali abriu Seus braços sobre aquela rude cruz,
Abertos ainda hoje para todos receber.
Na pequenina Belém teve o Seu Natal, Jesus,
Mas foi no Calvário que por ti Ele quis morrer.*

*Se um dia O quiseres de perto contemplar
Sobe ao Calvário, não desças, não fiques em Belém.
Ali no Monte, na cruz mais alta, vais tu encontrar
Jesus a Vida, Excelso Amor, Supremo Bem!*

M. A. Pires

REVISTA ADVENTISTA

Abril, 1996

SECÇÕES

- 2 Cartas
- 5 Notícias
- 12 Do Coração
- 20 Cantinho da Criança
- 21 A Igreja ao Redor do Mundo
- 22 Na Trilha dos Pioneiros
- 23 Reflexão

EDITORIAL

- 4 Uma Boa Iniciativa das Bases

PRÓXIMO NÚMERO

Evangelismo

ARTIGOS

DEVOCIONAL

8 Chamado a Depor

Um incrédulo depõe sobre a ressurreição de Jesus.

TEOLOGIA

14 Jesus o Grande Rabi

Tal como Moisés, o grande legislador do passado, Jesus sobe ao monte e começa a ensinar.

VIDAS

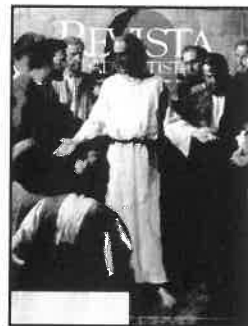
18 A História de Uma Freira

Os muitos caminhos na procura da verdade sempre conduzem a um encontro com um Deus pessoal aos pés da cruz.

ACTUALIDADE

22 O Equívoco do Adventista

Quais são os verdadeiros motivos dos meus actos bons? Gratidão para com Deus pelo Seu amor pessoal por mim? Ou medo do castigo que virá sobre os desobedientes? Que conceito tenho eu de Deus?



8 Chamado a Depor



22 O Equívoco do Adventista

Ilustração Capa: Herry Anderson (Review & Herald, 4/95)

REVISTA ADVENTISTA

ANO LVI — Nº 587
ABRIL DE 1996

PUBLICAÇÃO MENSAL

Órgão oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal.

DIRECTOR: J. Dias

REDACTOR: Ilídio Carvalho

CORPO DE REDACÇÃO: J. Dias, Ilídio Carvalho, Maria Augusta Lopes, Ezequiel Quintino

PROGRAMAÇÃO VISUAL:
Elízezer C. Militão

PROPRIETÁRIA E EDITORA:
Publicadora Atlântico, S.A.

REDACÇÃO:
Rua Carlos Amaro de Matos, 18
Venda Nova - 2700 - Amadora
Tel.: (01) 474 2610

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Salvador Allende, Lt. 18
2686 Sacavém Codex
Tel.: (01) 941 0844

Serviço de Assinaturas:

R. Alexandre Braga, 16 - R/C Dto
1100 - Lisboa
Tel.: 3524687 FAX: 573936

PREÇOS:

Assinatura Anual 1100\$00
Número Avulso 100\$00

PARA FAZER A SUA ASSINATURA:

Envie -nos o seu nome e morada, acompanhados do respectivo meio de pagamento.

Serviço de Cobranças:

R. Salvador Allende, Lt. 18
2685 - Sacavém
Tel.: 9410844 FAX: 9425764

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho - Pedreiras
2480 - Porto de Mós
Tel.: (044) 402413
FAX: (044) 401575

A redacção reserva-se o direito de condensar, ressaltar ou adaptar os textos enviados para publicação, de acordo com as necessidades de espaço.

BOCS

"Aqui está a paciência dos santos: Aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus." Apoc. 14:12

BOCS

Internet: <http://www.avore.pt/iasd>



Pr. Joaquim Dias
(Presidente da União)

O hábito generalizado dos Adventistas de todo o mundo se lançarem cada ano numa campanha para a venda de uma revista especial, com informações sobre os projectos sócio-comunitários da Igreja e a mensagem da segunda vinda de Jesus, começou no início do nosso século por iniciativa de um membro de igreja, Jasper Wayne.

Foi em 1902 que o Ir. Jasper teve a ideia de encomendar 50 exemplares da revista *Sinais dos Tempos* para oferecer às pessoas que encontrasse, solicitando ao mesmo tempo uma contribuição voluntária para auxiliar a obra missionária noutros países.

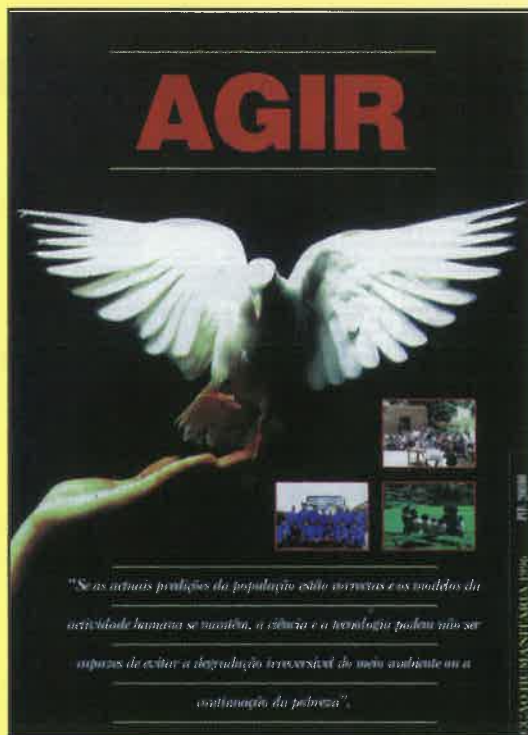
A boa receptividade das pessoas e a maneira generosa como apoiavam aquele projecto missionário encorajou o Ir. Jasper a apresentar o plano ao presidente da Associação local. Este, por sua vez, promoveu a sua divulgação e execução pelo maior número possível de irmãos e irmãs das várias igrejas. Está registado que Ellen White teve conhecimento nessa altura deste plano missionário, expressando um profundo interesse nos seguintes termos: "Um dos novos planos para nos aproximarmos dos descrentes é a Recolha de Donativos para as missões. Em muitos lugares, durante os anos passados, ele tem-se demonstrado um sucesso, trazendo bênçãos a muitos, aumentando também a afluência de meios ao tesouro da missão" (Serviço Cristão, p. 167)

A Conferência Geral, sempre atenta em fazer beneficiar todas as igrejas com os bons planos surgidos em qualquer parte do mundo, em 1908 recomendou a "Campanha das Missões" para todas as igrejas. Foi aprovada a publicação e uso de um número especial da Revista Adventista a fim de informar o público da obra dos Adventistas do Sétimo Dia e de receber dons de Acções de Graça para as missões.

Durante praticamente um século, no mundo inteiro, e há 75 anos em Portugal, a maioria dos Adventistas participa na "Campanha das Missões".

Citando um artigo histórico da Comemoração dos 50 Anos da Igreja

UMA BOA INICIATIVA DAS BASES



Adventista do Sétimo Dia em Portugal, lemos o seguinte relato sobre este trabalho: "Foi durante o seu tempo (Paulo Meyer) que pela primeira vez se realizou a Campanha das Missões em Portugal. Interessante, a propósito, a transcrição de uma acta de 8 de Outubro de 1921: 'Iniciou-se este ano entre nós a Campanha do Outono, cujos resultados foram muito animadores, tendo-se salientado alguns irmãos pelos esforços que empregaram para angariar donativos, que atingiram a importância de 2.585\$74 centavos' " (Revista Adventista de Outubro de 1954, Nº 97, pg. 7).

Na nossa União, esta Campanha consiste, especificamente, em colocar nas mãos do público em geral, durante os meses de Abril e Maio, cerca de 60.000 revistas com informações da obra e mensagem Adventista. Ao mesmo tempo são angariados fundos para o programa humanitário desenvolvido pelos adventistas nas áreas da beneficência, saúde, educação e evangelização em toda a parte, no propósito de seguir o exemplo de Jesus que percorria "todas as cidades e aldeias, ensinando nas sinagogas deles, e pregando o evangelho do reino, e curando todas

as enfermidades e moléstias entre o povo" (Mateus 9:35).

No momento em que todas as Igrejas Adventistas em Portugal se identificam e participam na "Campanha das Missões", com o duplo propósito de testemunho pessoal e de apoio à obra sócio-humanitária levada a cabo pela igreja, é pertinente relembrar a cada um de nós os cinco objectivos propostos inicialmente no lançamento deste programa:

- (1) Que haja uma participação de 100% dos membros;
- (2) que haja uma cobertura total do território de cada igreja;
- (3) que se procure descobrir as pessoas interessadas no evangelho;
- (4) que haja um aumento de fundos e (5) que haja um seguimen-

to bem cuidado dos interessados que possam surgir" (SDA Encyclopedia Commentary Series, Vol. 10, pg 589).

Certos de estarmos a seguir um plano suscitado pelas bases da nossa Igreja, apoiado e apoiado pelos homens, tanto dentro como fora da igreja, renovemos a nossa participação na colocação da revista das missões, certos que este é também um plano apoiado e recomendado por Deus. Foi assim que Ele propôs ao povo de Israel ao sair do Egipto e é assim que Ele continua a sugerir-nos hoje: "Se as necessidades da Obra do Senhor fossem apresentadas na luz devida perante aqueles que possuem bens e influência, esses homens poderiam fazer muito para o avanço da causa da verdade presente. O povo de Deus tem perdido muitos privilégios que teriam podido aproveitar se não tivesse preferido manter-se independente do mundo" (Serviço Cristão, pg. 167, 168).

Como ilação final proponho a seguinte reflexão: Será que este plano surgido das bases da Igreja para proveito da obra mundial, poderá inspirar de novo as bases, ou seja, os membros de cada igreja para ajudar na execução dos vários projectos locais?

HORTA - AÇORES

Álvaro Bastos
(Colportor)

“Natal Amigo”

Como tem acontecido nos anos anteriores, a Igreja Adventista do 7º dia da Horta organizou o “Natal Amigo” para auxiliar crianças carenciadas do Bairro da Boavista na Ilha do Faial, Açores.

Quando calçávamos e vestíamos algumas destas crianças, sentia-se o bater do nosso coração e o brilhar dos olhinhos destes pequeninos a agradecer a Jesus por sermos Seus embaixadores.

Neste nobre projecto, saber partilhar o pouco que possuímos com aqueles que nada têm é grandioso e este ano foi pos-

sível graças à colaboração de alguns irmãos da igreja de Avintes e do Porto.

3º Acampamento Local dos TDCS

Por trás da montanha majestosa, o Sol surgia, tingindo-a de cores dignas do melhor pintor. Os TDC's da Igreja

Adventista da Horta, acampados desde o dia 17 de Fevereiro, sentiram o seu Criador mais perto. Tudo na Natureza testificava do Seu amor.

21 de Fevereiro era o seu último dia de convívio são e contacto com a Natureza. Levavam consigo tantas experiências gratificantes, que já sentiam saudades. Nem os músculos doloridos das longas caminhadas e das noites passadas nas tendas diminuíam a sua alegria.

Os planos traçados nesses dias, para o “Ondas da Amizade” - Açores 96,



falavam-lhes de trabalho, preparação. Mas, com o entusiasmo que só os jovens sabem transmitir, eles estavam prontos. Cidade da Horta, aqui estão eles, prontos a trabalhar para Cristo!



Camporée Internacional de Desbravadores 1996

Tradicionalmente, todos os cinco anos, o Departamento JA da Divisão Euro-Africana organiza um Camporée Internacional de Desbravadores. Em continuidade aos de Poppi (Itália) em 1991, Moulin de l'Ayrolle (França) em 1981 e 1986, este novo encontro dirige-se a todos os Desbravadores (12 aos 16 anos) da nossa Divisão (nascidos entre 1980 e 1984). Um encontro onde aproximadamente 1500 a 1800 Desbravadores irão viver conjuntamente um tempo bastante interessante que marcará uma etapa maravilhosa das suas vidas.

Desbravadores, atenção!

Desde já, para todas as unidades de Desbravadores e respectivos responsáveis dos diferentes países da nossa Divisão, uma só palavra de ordem: preparar todos os Desbravadores técnica, física e espiritualmente para viverem a aventura internacional do 8º Camporée Internacional de Desbravadores!

Encontro da amizade para os Desbravadores portugueses, espanhóis, italianos, franceses, belgas, suíços, austríacos, alemães, sem esquecer os checos, os eslovacos, os romenos, os búlgaros e provavelmente outras nacionalidades da nossa Divisão irmã do norte da Europa! Que enriquecimento!



Encontro da “descoberta” no confronto sadio e desportivo dos muitos conhecimentos técnicos aprendidos e dominados por cada participante, cada patrulha, cada grupo no festival de ateliers, actividades, concursos de tipo escuta e outros!

Encontro da fé. Aproximadamente 1500 Desbravadores de joelhos na oração solidária daqueles que crêem no Senhor, na Igreja. Toda esta multidão a estudar o Livro Sagrado que contém uma mensagem para cada um e uma missão para viver e a realizar pelo con-

junto de todos os Desbravadores, uma parte importante da juventude adventista viva! Conduzidos pelo irmão Gunther Machel e com a presença do chefe mundial dos Desbravadores Malcom Allen e sob a palavra de ordem “Com Jesus eu estou OK!” Eis a partilha extraordinária da fé! Que celebração!

Encontro da unidade. Todos reunidos nas mesmas datas: de 22 a 28 de Julho de 1996. No mesmo sítio: a Bélgica; num local soberbamente equipado, o que permitirá uma organização ideal para viver em conjunto a aventura dos Desbravadores JA da nossa Divisão. Que visão!

Encontro administrativo. Desde agora todos os Desbravadores e seus familiares podem dirigir-se aos responsáveis das equipas nas respectivas igrejas, aos directores do Departamento JA da União para solicitar informações em vista da participação neste acontecimento.

Peço aos directores dos Departamentos JA das diferentes Uniões para fazerem planos e propostas para oferecerem aos seus Desbravadores a possibilidade de se inscreverem no 8º Camporée Internacional de Desbravadores. Muito obrigado a todos.

José Figols
(Dep. J.A. da Divisão)

ALBUFEIRA

Dina Esteves
(lg. Albufeira)

Todos diziam que a noite de cinco de Janeiro seria ventosa e chuvosa, impedindo assim os planos de cantar as Janeiras na bonita vila de Pera. Mas os milagres simples acontecem sempre na vida daqueles que confiam em Deus, e, inexplicavelmente para os incrédulos, a chuva parou quando os nossos jovens da J.A. de Albufeira, Portimão e Lagoa, e os jovens da Igreja Católica de Pera, colocaram os seus pés na rua para cantar as Janeiras, e ela só voltaria quando tudo terminasse.

Tinham no seu coração o objectivo de recolher dinheiro para ajudar a "SOL", uma instituição privada de apoio às crianças de pais com SIDA.

E assim, felizes, foram pelas ruas estreitinhas de Pera, cantando de porta em porta a alegria do seu objectivo e também do seu convívio cristão, na troca de canções, sorrisos e experiência de um amor comum: a Cristo e ao próximo.

Recolheram-se mais de 60.000\$00 graças à dedicação, empenho e alegria daqueles jovens, e à bondade da gente calorosa de Pera, que para além da sua contribuição, não deixou de partilhar a fatia de bolo rei e as amêndoas, que os confortavam na noite fria.

Ficou o desejo de voltar outra vez para o ano envolvendo num

abraço de solidariedade os que sofrem, e onde, num gesto simples, fica também o partilhar do amor de Cristo.

FUNDÃO

Joaquim Infante
Vice-Relações Públicas do Aliança

Projecto Aliança no Fundão

Vindos de vários pontos do país, os jovens "Alianças" chegaram à capital da cereja e do pêssego na primeira sexta-feira do frio mês de Fevereiro. Apesar de ter chovido intensamente nos dias anteriores, a viagem foi feita sob um céu estrelado. Depois de várias



centenas de quilómetros percorridos, os jovens recolheram-se no ginásio cedido gentilmente pelo nosso querido irmão João Ribeiro.

Na simpática igreja do Fundão, a Escola Sabatina versou o tema do estudo optimizado da

Bíblia. Com a assistência dividida em quatro classes, os monitores explicaram o tema. As respectivas conclusões foram apresentadas no final.

A parte final das actividades da manhã foi ocupada pelo presidente da Associação, apresentando o tema do sacrifício do nosso amoroso Salvador na cruz, sensibilizando deste modo a congregação para o Seu sofrimento e a indiferença do Homem perante este acto sublime.

Da parte da tarde, nos Paços do

Departamento de Jovens — Maio

- 03 - 05 - Estágio de Base - nível III - Costa de Lavos
- 10 - 12 - Estágio de Base - nível III - Costa de Lavos
- 18 - 28 - Evangelização J.A. - Seixal
- 31 - 2/6 - Estágio de Base - nível I - Porto

Concelho, uma centena de transeuntes parou junto das mesas de Medição da Tensão Arterial e do Rastreio da Diabétesis. Entretanto, o Departamento de Ambiente, com os seus cartazes, alertava o público para a situação caótica em que o nosso planeta está mergulhado. As crianças reuniram-se à volta do palhaço e restantes jovens do Departamento de A.T.L.. Cantaram, jogaram, ouviram histórias e riram com os fantoches.

Com uma noite bastante fria, mais de cinquenta pessoas deslocaram-se ao antigo edifício do Casino Fundanense para assistir ao concerto de música cristã. A sua participação não se limitou a ouvir atentamente os cânticos, mas também a participar activamente nalguns momentos do concerto. Foi muito compensador para nós, ver o director do jornal mais prestigiado e lido do distrito de Castelo Branco a tentar acompanhar com os braços e as pernas, os movimentos do "Pai Abraão".

Na parte final do concerto, o Pr. Teófilo Lopes retribuiu a visita do "Aliança" com algumas recordações típicas da terra.

Resta-nos agradecer a todos aqueles que tornaram possível este evento, com um caloroso bem-haja. Que Deus vos abençoe!

ALVALADE

Felício Silva
Dept. Relações Públicas da Igreja de Alvalade

Aguardando a Bem Aventurada Vinda do Senhor

Subitamente, no dia 25-12-95,

faleceu, em Avidagos onde se encontrava em casa de familiares, o nosso querido Ir. Morais.

O Ir. Morais era um colportor dedicado, muito estimado por todos os seus colegas. Era membro da Igreja de Alvalade onde deixa profunda saudade.

O seu funeral realizou-se em Avidagos, sua terra natal, onde se deslocaram os pastores Joaquim Sabino, Alberto Nunes, Manuel Ferro, Paulo Mendes e Mário Santos, bem como outros irmãos.

A estima de que era alvo naquela localidade pôde ser vista na simpatia demonstrada pelo Sr. Pároco que permitiu que a cerimónia fúnebre se realizasse na Igreja Católica local, onde afluíram todas as gentes da terra, num última homenagem.

À sua viúva, Ir. Adelaide Morais, aos seus filhos Isabel, Victor e Emanuel e ao seu genro António Reis, apresentamos as nossas sinceras condolências. Desejamos que sejam confortados com a promessa do Senhor: "Eis que cedo venho".

SETÚBAL

Daniel Vicente
(Pr. Setúbal)

Evangelismo em Acção

No fim do ano passado a igreja organizou uma série de actividades, em que participaram os diversos departamentos da igreja, com o fim de atingir um número diversificado e abrangente de pessoas, dentro da sua área de influência.



António Morais

COME TO NEWBOLD

SUMMER SCHOOL IN ENGLISH
27 JUNE - 24 JULY 1996
NEWBOLD COLLEGE
SCHOOL OF ENGLISH

also offers longer English Language Courses
SPRING TERM: 25 MARCH 1996 - 7 JUNE 1996
AUTUMN TERM: 23 SEPT 1996 - 12 DEC 1996
WINTER TERM: 6 JAN 1997 - 14 MARCH 1997

WRITE NOW TO THE DIRECTOR OF ADMISSIONS
NEWBOLD COLLEGE, BRACKNELL, BERKSHIRE, RG42 4AN, ENGLAND
TELEPHONE: +44 1344 54607 FAX: +44 1344 86192

COLÉGIO ADVENTISTA DE SAGUNTO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO "MESTRADO"

Convénio com a Universidade Adventista del Plata.

Reconhecido pelo Ministério de Educação da Argentina e pelo Departamento de Educação da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Diplomas: Outorgados pela Universidade Adventista del Plata.

"Mestrado em Educação" com quatro especialidades:

- a) Administração, Educação e Curriculum
- b) Orientação (Counselling) Educativa e Pastoral
- c) Educação Religiosa (Filosofia e Pedagogia Adventista)
- d) Educação Familiar (Orientação e assistência, individual e familiar)

- Créditos reconhecidos por todos os colégios superiores e Universidades Adventistas, para continuar com o doutoramento.

- Sistemas de crédito acumuláveis e teses de Mestrado, com um total de 48 créditos trimestrais mais 8 créditos pela tese.

Datas: Os cursos serão dados no Verão, 6 semanas a contar do dia 1 de Julho de 1996, com classes intensivas de manhã. As tardes serão para estudo pessoal (de Segunda a Sexta-feira).

Período: Cada matéria corresponde a 4 créditos. Um crédito corresponde a um trabalho académico de 10 horas e 50 minutos. O curso completo abarcará três Verões; no entanto, o candidato poderá escolher as matérias e aco- modar o período em mais Verões.

Requisitos Académicos: Poderá inscrever-se quem tiver um diploma universitário (Licenciatura ou equivalente. Diploma de Teologia em Seminários superiores e mestrados com diploma em Pedagogia do C.A.S. ou outro colégio) depois de uma entrevista de avaliação académica.

O Conselho Académico fixará um "númerus clausus" para cada curso.

Custo: A Matrícula, o ensino, a estadia e outros serviços, para um plano completo de seis semanas, custará à volta de 296.000 pesetas. As excepções, referentes aos cursos parciais, serão estudadas pela Administração.

Estudar-se-ão preços especiais para alunos que tragam as suas famílias, em regime de férias.

Matérias: Serão matérias básicas de dois tipos: interdisciplinares e de especialidade. O conteúdo das matérias terão o rigor e actualização científicos requeridos. Ao mesmo tempo, serão de profundidade filosófica, teológica e de aplicação prática nos colégios e igrejas

Professores: Serão pessoas de altas qualificações académicas na sua especialidade (doutorados), além de terem uma ampla e reconhecida experiência docente, administrativa e pastoral.

A equipa será integrada por excelentes profissionais adventistas da Universidade del Plata, europeus e de outras universidades adventistas.

Biblioteca: Além da nossa biblioteca preparada para o estudo e a investigação, teremos

à disposição (já acordado) as bibliotecas das Faculdades e Institutos de Investigação de Valência (20 km) e o serviço "Internet" com conexão com as melhores bibliotecas do mundo, por exemplo, Andrews, Loma Linda, P.U.C. e outros.

Panorama: Em lindas colinas rodeadas de pinheiros e a 6 km das praias mediterrânicas, ótimas para combinar umas férias familiares.

PROGRAMA PARA O ANO DE 1996:

Convidados especiais: Depto. Educação Conf. Geral, Dept. Educação Div. Euroafricana, UAP, Collonges, União Europeia e outras personalidades Teológicas e Educativas.

MATÉRIAS (Comuns às 4 especialidades)	PROFESSORES
1) Fundamentos Filosóficos Sociológicos e Antropológicos (4 cr.)	C. Puyol - Pastor e Dr A. Diestre - Pastor e Dr Victor Korniejczuk - Prof. UAP e Dr
2) Metodologia da Investigação (4 cr.)	Miguel A. Roig - Prof. e Dr
3) Estatística (4 cr.)	S. Gomez - Pr e Dr em Física J. Duch - Dr. Académico, Lic. em Química, Master (Inglaterra)
4) Assessoria - Aconselhamento (Educativo, pastoral) (4 cr.)	Raúl L. Posse - Pr e Dr, Seminário Teologia do CAS R. Badenas - Decano de Collonges, Dr. em Teologia, Lic. Fil. e Letr.
5) Informática (*) Fundamentos da Informática (4 cr.) Informática Aplicada (4 cr.) (Aceitam-se os conhecimentos prévios)	Santiago Gómez - Pr e Dr Victor Armenteros - Prof. e Dr Daniel Barranco - Dr. em Informática

Foi entregue a vinte personalidades desta cidade, o livro *Seventh-day Adventists Images of Mission*. Fomos muito bem recebidos, quer pelas entidades religiosas, quer pelas civis, que muito apreciaram a iniciativa.

A nossa escola teve a sua Festa onde estiveram presentes mais de duzentas pessoas, entre pais e familiares dos alunos.

Distribuíram-se roupas e cabazes de compras a doze

famílias carenciadas. Esta iniciativa, bem como a que relatamos a seguir, foram alvo do interesse da comunicação social local. Efectuámos um almoço para 55 pessoas carenciadas. A resposta a esta iniciativa, valeu a presença do Director da Cáritas de Setúbal, que fez questão de agradecer pessoalmente à direcção J.A. de Setúbal, de quem partiu a iniciativa. As 55 pessoas, le-

varam ainda a sua Ceia e fez-se uma distribuição de comida no "Convento", um dos locais degradados da cidade.

A igreja teve também a sua Festa. Cerca de 60 não adventistas assistiram ao evento.

CALENDÁRIO DE DIAS E OFERTAS

MAIO

- 4 - Evangelismo através da Assistência social
- 11 - Oferta para as Vítimas de Catástrofes (Oferta Mundial)

Chamo-me Tomé
Dídimo, Sr. Dr.
Juiz. Venho tes-
temunhar que Ele
morreu, ressusci-
tou ao terceiro
dia, esteve nesta
área durante 40
dias, e voltou
para o local
donde tinha vindo.
E que Ele está bem
vivo, hoje.



CHAMADO

Um incrédulo

Desculpe, Sr. Dr. Juiz, não compreendi... Ah! T-O-M-É D-Í-D-I-M-O. O primeiro é o meu nome em Aramaico; o último o meu nome em grego. Mas ambos querem dizer “gêmeo”.⁽¹⁾ Mas até parece ironia (na verdade, a minha história está cheia de ironias...) hoje, ninguém pensa em mim como “gêmeo”. Todos se referem a mim como “incrédulo”.

“Quem sou eu? Bem, eu era um dos Seus discípulos mais íntimos, embora, verdade seja dita, pertencesse ao “segundo círculo”. Eu não pertencia, realmente, ao círculo mais chegado, como o Pedro, o Tiago ou o João.

“E, aqui, há outra ironia do destino, se é que assim se pode chamar: depois da Ascensão, eu fui mais longe (no que se refere a quilómetros percorridos) do que qualquer outro. Fui até à Índia, como testemunha de Cristo, entre os hindus, os budistas e os membros de outras religiões antigas.”⁽²⁾

O que não é mau de todo para um discípulo do segundo círculo.

Uma biógrafa inspirada iria caracterizar-me, mais tarde, como tendo um “coração verdadeiro, leal”. E ela tinha razão; eu era leal. Mas ela continuaria a falar sobre mim, para dizer (novamente com toda a razão), “no entanto era tímido e receoso”.⁽³⁾ Quando Jesus anunciou que iria para Jerusalém para morrer às mãos dos Seus inimigos, eu exclamei, resignado: “Vamos nós também para morrer com Ele.”⁽⁴⁾ A característica que é hoje mais lembrada, a meu respeito, é a de ser “céptico”. Sim, Sr. Dr. Juiz, eu era um verdadeiro céptico.

V. Exa. acha, então, que eu não sou uma testemunha credível, isenta, por ter sido um dos Seus seguidores? Acha que eu estou a puxar a brasa à minha sardinha, como se costuma dizer? Desculpe, Meritíssimo, não quero faltar ao respeito que devo a V. Exa. e a este Tribunal... de forma alguma!

Embora hoje pareça estranho, até para mim próprio, eu pensei que se Jesus *tivesse realmente* ressuscitado, findara toda a esperança de um reino terreno — e com ela a possibilidade de um lugar importante para mim, Tomé Dídimo, no novo governo.⁽⁶⁾ Eu invejava as posições cimeiras — *todos nós* o fazíamos. Os nossos motivos para seguirmos Jesus eram, certamente, mistos...⁽⁷⁾

E o meu orgulho estava ferido. Como foi que a biógrafa inspirada rotulou isso? “Vaidade...ferida”, penso eu.⁽⁸⁾ Eu estava irritadíssimo com o facto de Jesus ter escolhido fazer a sua primeira aparição, nesse Domingo de manhã, a mulheres.⁽⁹⁾ *Mulheres!* Sim, foram as mulheres as primeiras a ver e a falar com o Senhor ressuscitado!

Depois, na noite do Domingo de Páscoa, Ele apareceu aos outros 10 discípulos no cenáculo, *quando eu nem sequer estava presente!* Porque é que Ele não pôde esperar até *eu* também estar presente? Por isso *eu* estava “decidido a não crer.”⁽¹⁰⁾

Na realidade, fui ao ponto de dizer aos outros que eu não acreditaria a não ser que pusesse a minha mão no Seu lado para sentir a cicatriz que a lança do soldado romano tinha feito. Sabe, Meritíssimo, eu estava magoado. Estava zangado. Estava obstinado. ...E também não tinha fé — embora houvesse tantas evidências provando o contrário.

Uma semana depois da Páscoa (no Domingo seguinte), eu estava com os outros. Estávamos, uma vez mais, reunidos no cenáculo, quando Ele apareceu! A primeira coisa que fez foi dirigir-se a mim. Estendeu as Suas mãos assim, Meritíssimo, e disse com gentileza: “Põe aqui o teu dedo; vê as minhas mãos. Chega a tua mão, e põe-na no meu lado. Não sejas incrédulo, mas crente.”⁽¹¹⁾

Devo dizer, Meritíssimo, que me derreti, entreguei-me, sentindo-me completamente nu e desamparado. E confessei-Lhe: “Senhor meu, e Deus meu!”⁽¹²⁾

E essa não foi a última vez que O vi, Meritíssimo. Tanto quanto

DO A DEPOR

de põe sobre a ressurreição



Roger W. Coon *
Advent Review, Abril 95

Mas, se me permite, e com todo o respeito, deixe-me sugerir que eu talvez seja a *testemunha mais credível* de todas. De todas elas, eu fui a única que *não* acreditou na Sua ressurreição, *embora seja uma testemunha ocular credível.*

V. Exa. pergunta como é que isso é possível?

Bem, no Domingo de Páscoa, à noite, eu não estava onde deveria estar — no cenáculo. Claro que eu já tinha ouvido os relatos (quem é que não tinha?) da Maria Madalena e das outras mulheres, de que Ele tinha ressuscitado. Mas eu não acreditei — eu não *queria* acreditar.⁽⁶⁾

me posso lembrar, Jesus apareceu seis vezes só nesse Domingo de Páscoa: aos soldados romanos que estavam de guarda ao túmulo; a Maria Madalena; a um grupo de mulheres; a Pedro; a Cleópas e ao seu amigo de quem não sei o nome, a caminho de Emaús; e aos meus 10 irmãos no cenáculo. Depois, nos 40 dias seguintes, Ele apareceu mais cinco vezes, terminando com uma aparição aos 11 na Quinta-feira, no Monte das Oliveiras. ⁽¹³⁾

Foi nesse dia que Ele subiu ao céu: 40 dias depois da Páscoa. ⁽¹⁴⁾ Graças a Deus, eu também estava, nesse dia! Eu vi, realmente, quando Ele se começou a elevar, ali, enquanto falávamos com Ele. Começou a elevar-Se no ar, devagar, direito ao céu! Incrível! E a última coisa que eu vi, quando Ele passou por mim, foram os Seus pés... com as marcas dos cravos!

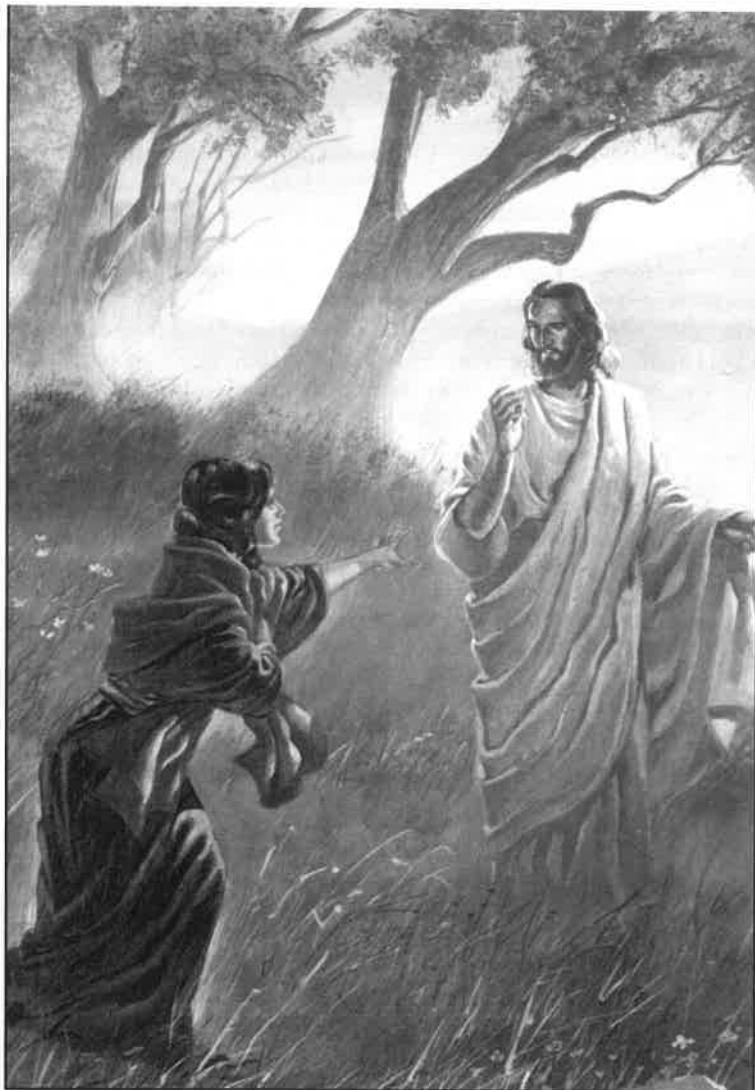
Mas Ele não foi sozinho, Sr. Dr. Juiz; um grande grupo de pessoas foi com Ele. E *isso*, Meritíssimo, foi quase tão espantoso como a própria Ascensão!

Como V. Exa. deve ter ouvido dizer, Jesus ressuscitou um grande número de pessoas no Domingo de Páscoa. O meu irmão Mateus foi o único a escrever sobre o assunto. Ele disse que houve um terramoto na Sexta-feira à tarde no momento exacto em que Jesus morreu. (Eu sentio, V. Exa. também o deve ter sentido.) E muitas sepulturas foram abertas.

Embora não tivesse acontecido mais nada na Sexta-feira, no Domingo a coisa foi diferente. Foi no Domingo que muitos ocupantes dessas sepulturas voltaram à vida. E durante os 40 dias seguintes, apareceram a muitas pessoas. ⁽¹⁵⁾ Paulo confirmou que todas as pessoas que ressuscitaram subiram ao céu com Jesus no Dia da Ascensão. ⁽¹⁶⁾

E eu estava lá! Vi tudo!

O mais interessante sobre estas pessoas, Sr. Dr. Juiz, é que todas elas, durante a sua vida, tinham sido crentes verdadeiros



— até “colaboradoras com Deus”.

⁽¹⁷⁾ E todas elas eram mártires. ⁽¹⁸⁾

Mas, no que se refere ao tempo, elas vinham, Sr. Dr. Juiz, de *todas* as épocas, desde o primeiro mártir (Abel) ao último (João Baptista), nosso contemporâneo. ⁽¹⁹⁾

tura! ⁽²⁰⁾ Não é, portanto, de admirar que Pilatos (e, alguns dizem, Herodes Antipas) quando ouviu falar disso, tivesse ficado aterrorizado, proibindo a entrada nos seus aposentos, a quem quer que fosse, não se desse o caso de Jesus

Eu estava irritadíssimo com o facto de Jesus ter escolhido fazer a sua primeira aparição, nesse Domingo de manhã, a mulheres. *Mulheres!* Sim, foram as mulheres as primeiras a ver e a falar com o Senhor ressuscitado!

Eram muito diferentes umas das outras, quanto à sua altura e peso: os do nosso tempo eram do nosso tamanho, claro. Mas os que vieram de épocas antes do Dilúvio, quando as pessoas viviam 10 vezes mais do que nós, tinham entre 3,5 a 4,5 m de al-

(ou, no caso de Herodes, João Baptista) se materializasse de repente, para se vingar! ⁽²¹⁾

E há um outro ponto a tomar em consideração: aqueles que foram ressuscitados por Jesus durante o Seu ministério antes do Calvário, voltaram a morrer mais tarde. Mas

os que voltaram à vida depois da Sua ressurreição, tornaram-se *importantes*.⁽²²⁾ A sua mensagem, durante os 40 dias que se seguiram, foi: “Ele ressuscitou; nós ressuscitamos com Ele”.⁽²³⁾ Dessa forma, eles desacreditaram os relatórios falsos dos soldados romanos. Segundo o irmão Mateus, Meritíssimo, os soldados foram subornados, com elevadas quantias, pelos sacerdotes judeus — e o Mateus, um ex-colector de impostos, conhecia um bom suborno, quando o via.⁽²⁴⁾

O que os soldados disseram sobre nós, os discípulos, roubamos o corpo e depois dizemos

● Primeiro, não falte a uma reunião em que Jesus estará presente! Se eu estivesse no cenáculo na noite do Domingo de Páscoa, em vez de aparecer só na semana a seguir, eu tê-l’O-ia visto como os outros dez, no próprio dia em que Ele ressuscitou. Teria evitado, a mim próprio, uma semana de tristeza, angústia e desespero. Foi um sofrimento tão desnecessário! Aprendi da forma mais difícil.


● Em segundo lugar, aprendi a acreditar na palavra de testemunhas honestas. Aprendi como era louco ao dizer que só credi-

produzirão reformas.”⁽²⁸⁾ Nunca fizeram; nunca o farão.

● E há ainda uma quarta lição: A segunda oportunidade! Jesus deu uma segunda oportunidade a Pedro, ali mesmo nas praias da Galileia, quando o chamou novamente para o ministério depois de Pedro O ter negado com imprecações no pátio do tribunal. Ele perdoou-lhe! E, Sr. Dr. Juiz, perdoou também a minha dúvida e a minha falta de fé — ali, no cenáculo.

E também lhe perdoará a si, Meritíssimo, se V. Exa. O deixar!

A melhor parte, Meritíssimo Juiz, a melhor parte é esta: Ele estava morto, e ressurgiu! Está vivo... hoje! Como disse o anjo: “Ele ressuscitou!” Ele foi preparar um lugar para nós, e voltará — novamente — para salvar os justos e julgar os ímpios.

Está pronto para esse acontecimento, Meritíssimo Juiz? 

Jesus poderia (com toda a justiça) ter-me tratado com indiferença ou desdém. Mas não o fez. Ele sabia — como os outros haviam de aprender — que “raramente se vence a incredulidade pela discussão”

que Ele tinha ressuscitado é uma infâmia. Se eles estavam adormecidos, como dizem, como é que eles sabem quem roubou o corpo? Quanto a nós, estávamos em pânico com a possibilidade de sermos mortos também, e estávamos trancados em casa!

A propósito, Sr. Dr. Juiz, este grupo fantástico que Jesus ressuscitou tinha um significado simbólico. No mesmo dia em que os agricultores à volta de Jerusalém se dirigiam ao templo para a festa anual das Primícias, levando o seus produtos como oferta de agradecimento a Jeová, Jesus apresentava ao Seu Pai, no céu, os que Ele tinha ressuscitado 40 dias antes, como as primícias dos justos mortos que haverá de ressuscitar quando voltar à terra pela segunda vez!⁽²⁵⁾

Ele voltará, Sr. Dr. Juiz! *Este mundo ainda verá Jesus Cristo outra vez!*

Meritíssimo Juiz, V. Exa. pediu-me que lhe contasse o que eu tinha visto e ouvido, e o que eu achava que tudo isso queria dizer. Bem, para mim, Excelência, há quatro lições:

taria naquilo que visse e confirmasse. Descobri como a dúvida pode ser corrosiva para o nosso coração — quase deu cabo do meu.

● Em terceiro lugar, fiquei tão grato pela maneira como Jesus me tratou. Sabe, Meritíssimo, Ele poderia (com toda a justiça) ter-me tratado com indiferença ou desdém. Mas não o fez. Ele sabia — como os outros haviam de aprender — que “raramente se vence a incredulidade pela discussão”.⁽²⁶⁾ Isso só faz com que as pessoas se refugiem mais e mais na auto-defesa, obrigando-as a procurar novas razões em que se basearem e desculparem. Em vez disso, e com um amor cheio de misericórdia, Ele revelou-Se simplesmente!

Como era profunda a sua descendência e consideração pelos meus sentimentos! Não, nunca o esquecerei! Desde essa altura, Meritíssimo Juiz, tenho tentado tratar os outros da mesma forma que Ele me tratou.⁽²⁷⁾ É tão certo, isso! “Repreensões e reprovações acaloradas nunca

* Robert W. Coon foi, durante cerca de 13 anos, director do Ellen G. White Estate, na Conferência Geral em Silver Spring, Maryland.

(1) The SDA Bible Dictionary (1979), p. 1114, 287.

(2) Ibid., p. 1115

(3) O Desejado de Todas as Nações, p. 313.

(4) João 11:16

(5) Henry H. Halley, Bible Handbook (1965), p. 466, 554

(6) O Desejado de Todas as Nações, p. 873, 874

(7) Mat. 19:27, 20:20-24; Mar. 9:34

(8) O Desejado de Todas as Nações, p. 874

(9) Ibid., p. 856, 857

(10) Ibid., p. 873

(11) João 20:27

(12) Versículo 28

(13) Luc. 24:50

(14) O Desejado de Todas as Nações, p. 900

(15) Mat. 27:51-53

(16) Efes. 4:8

(17) O Desejado de Todas as Nações, p. 852

(18) Ibid., Mensagens Escolhidas, vol. 1 p. 304,

(19) Primeiros Escritos, p. 184

(20) Ibid.; Spiritual Gifts, vol. 3, p. 34

(21) O Desejado de Todas as Nações, p.850

(22) Ibid., p. 852; Mensagens Escolhidas, vol. 1 p.

304, 305

(23) O Desejado de Todas as Nações, p.852; Mensagens Escolhidas, vol. 1 p. 305

(24) Mat. 28:11-15

(25) Mensagens Escolhidas, vol. 1 p. 305-307

(26) O Desejado de Todas as Nações, p. 875

(27) Ibid.

(28) The Upword Look, p. 94

A Igreja Local e Universal



Robert Anderson

(Pres. da Conferência Geral)

Os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia eram cautelosos quanto à noção de organização. Muitos deles foram desligados das igrejas populares e estavam preocupados com o facto de alguma organização adoptar o nome de Adventistas do Sétimo Dia, para desaparecer em seguida tal como aconteceu com outras.

Claro, a organização era necessária se este jovem movimento desejasse evitar divisões internas. Credenciar os obreiros, possuir propriedades, o desenvolvimento de instituições tais como a Herald Publishing Association - tudo isto solicitava aos Adventistas do Sétimo Dia organização. Sob a liderança de Tiago White adoptámos um nome (1860), incorporou-se a casa publicadora (1861) e constituiu-se a primeira Conferência de igrejas (Michigan, 1861) e, finalmente, a Conferência Geral (1863).

O Senhor abençoou e multiplicou a igreja muito para além dos sonhos dos pioneiros. De um total de 3.000 membros espalhados pelos Estados Unidos, crescemos mais do que 8 milhões espalhados por 200 países. Milhares de escolas, hospitais, clínicas e casas publicadoras em todo o mundo. O evangelho eterno alcança sempre, de uma forma crescente, novas áreas. Ao olharmos para os primeiros esforços de organização, ninguém, hoje, pode duvidar que Deus estava neste plano.

No entanto, eu estou satisfeito com os pioneiros. Eu desejo, tal como eles, que possamos sempre estar abertos ao Espírito

de Deus pois assim permaneceremos na verdade e podemos explorar novos e melhores caminhos para levar a nossa missão.

Algumas pessoas têm a ideia que na Conferência Geral há um poder ilimitado e que o seu presidente pode estalar os dedos e fazer aparecer, de um momento para o outro, o que deseja. Parece-me que qualquer pessoa com tal concepção deverá assistir a uma sessão para a resolução de assuntos como, por exemplo, o Con-

são possíveis (Mat. 19:26). Ser escolhido para tal missão é, simultaneamente, humildade e estímulo.

A razão principal para a existência da igreja é convocar os crentes para o serviço. Os Adventistas do Sétimo Dia têm desenvolvido, ao longo dos anos, uma estrutura particular para a igreja e esta tem servido muito bem e creio que Deus tem-nos ajudado neste mesmo propósito. Embora não estejam explícitos na Bíblia, os elementos

básicos para a organização da nossa igreja repousam sobre princípios bíblicos. Posteriormente, fomos abençoados com a Voz da Profecia a conduzir-nos pelos conselhos e ministério de Ellen White.

Os Adventistas do Sétimo Dia relacionam-se com a igreja, a quatro níveis: o **Individual, a Congregação local, a Associação e a União**. Vejamos cada um deles:

1 - Crentes individuais

- são os que compõem a igreja. Cada um de nós deve ir a Jesus, confessar os nossos pecados em arrependimento e receber o dom do perdão e um novo nascimento. Os nossos pais não podem aceitar em nosso lugar - Deus só tem filhos, não netos. O nosso baptismo por imersão é um sinal público da nossa decisão (é por isso que os Adventistas não praticam o baptismo infantil).

Nós vamos, individualmente, a Jesus mas permaneceremos individuais como antigamente. Como Seus filhos tornamos membros da Sua família e adquirimos uma nova identidade na nossa individualidade. É como um casamento, uma adopção no seio de uma nova família. Temos um novo nome assim como o nosso nome antigo - o Seu nome e o de família.



selho Anual. Rapidamente descobrirão que o presidente da Conferência Geral não funciona como um papa.

Envolvidos na Missão

O Senhor tem muitos meios para fazer conhecer a Sua vontade sobre a terra. Os Adventistas do Sétimo Dia não devem ter a veleidade de pensar que são o único meio através do qual o Espírito Santo está a trabalhar hoje em dia, mas temos que acreditar que, para nós, Deus tem uma tarefa especial - proclamar o evangelho eterno em todo o mundo nesta hora de juízo antes da volta de Jesus. A tarefa é imensa e impossível sob a perspectiva humana, mas com Deus todas as coisas

Nós somos a igreja

Por vezes ouço os Adventistas dizer: "A igreja faz isto" ou "A igreja faz aquilo", como se a igreja fosse um assunto de "nós" e "eles". Este pensamento simplista não é bíblico. Se estamos em Cristo já fazemos parte do Seu corpo - nós somos a igreja. Neste sentido, eu sou a igreja. Tu és a igreja. A igreja é maior do que uma pessoa individual; todavia nós somos a igreja.

Isto significa que cada crente tem um papel a desempenhar. Cada crente tem uma voz. Cada crente pode fazer a diferença. Cada crente tem um trabalho a desempenhar. Deus aguarda que a sua igreja, você e eu, participe no cumprimento da missão evangélica. Cristãos que não testemunhem não existem. Cada um de nós é vital para o cumprimento da missão da igreja.

Meu caro irmão ou irmã, você pode pensar que não é ninguém. Não pense de si mesmo "sou somente um leigo". Você é especial para Deus e também para mim. Você é parte do corpo de Cristo - uma posição privilegiada - e, no corpo, todos os membros são iguais perante Cristo.

2 - Congregações locais - vêm à existência como grupos de crentes individuais de adoração, companheirismo e serviço. As igrejas locais envolvem uma área geográfica restrita. No início do cristianismo os discípulos de Jesus reuniram-se em Jerusalém e formaram a primeira congregação. Como o cristianismo começou a espalhar-se, novas congregações apareceram, tal como Jesus tinha ordenado, "(...) tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" - Act. 1:8.

As congregações locais desempenham um papel importante no plano de Deus. Existem para alimentar o crescimento individual e multiplicar o testemunho individual dos crentes. É interessante notar que, da perspectiva do Novo Testamento, a palavra "igreja" quando usada num contexto preciso, refere-se sempre a congregar, nunca a construir. Não havia construções de igrejas no tempo dos primeiros cristãos (os Romanos não permitiam que os cristãos as construíssem) e os cristãos encontravam-se para a adoração nos lares dos crentes - cf. Rom. 16:4,5. É bom para nós recordarmos - por muito que uma construção de igreja possa ser importante para nós, as pessoas são muito mais importantes!

A Bíblia também nos ensina uma outra verdade vital acerca da igreja local - esta não existe para ela mesma. Nenhum crente

Os Adventistas do Sétimo Dia não devem ter a veleidade de pensar que são o único meio através do qual o Espírito Santo está a trabalhar hoje em dia, mas temos que acreditar que, para nós, Deus tem uma tarefa especial - proclamar o Evangelho Eterno em todo o mundo nesta hora de juízo.

permanece só mas ele é parte do corpo de Cristo, nenhuma congregação permanece só mas é parte da igreja universal. De facto é a igreja universal que dá à igreja local a sua identidade. Se não há corpo de Cristo, o grupo de cristãos que se reúne nalgum lugar será um clube ou uma associação humana.

Observe como Paulo se dirige à congregação em Corinto: "À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso" - I Cor. 1:2. É a igreja de Deus em primeiro lugar - não um ajuntamento social. É a igreja de Deus que está em Corinto, um local do corpo universal.

Nós, Adventistas do Sétimo Dia, devemos lembrar que não somos congregacionalistas na organização, como muitas denominações o são hoje. Apesar de estimarmos a igreja local, necessitamos de


compreender a sua - identidade, autoridade e responsabilidade - inserido em algo mais largo: o movimento mundial dos Adventistas do Sétimo Dia.

Consequentemente, estas duas dimensões da igreja que encontramos explícitas no Novo Testamento dos Adventistas do Sétimo Dia têm acrescentado Associações e Uniões.

3- Associações - são formadas pelo conjunto de igrejas na província ou na região. Elas estão unidas administrativamente para facilitar as actividades das igrejas locais e cuja missão inclui actividades que visam o estabelecimento de novas congregações para assegurarem o total cumprimento da missão num determinado território. Adoração, companheirismo e serviço tomam lugar a um nível local. Durante o desenvolvimento da congregação que opera em favor da igreja universal, a adoração alargada das igrejas (Associação) aceita a nova congregação na irmandade concedendo o privilégio de usar o nome "Adventista do Sétimo Dia" e a responsabilidade da missão de ganhar membros e mantê-los. Quando os membros numa associação votam a aceitação de uma nova congregação na igreja universal, esta congregação aceita actuar em harmonia com as directivas emanadas do Manual da Igreja como os membros de todo o mundo. Assim, o uso do nome "Adventista do Sétimo Dia" não é um direito inerente à congregação, mas é um privilégio de todos os membros.

4- União - esta coordena as actividades das Associações. É totalmente administrativa, facilitando o trabalho de ganhar almas da Conferência. A União forma um bloco na Igreja Adventista mundial. Os membros do território da União elegem o conselho executivo e os seus líderes. É o conselho da União que elege os delegados para representarem a região em cada sessão da Conferência Geral.

Não representam outro nível da igreja, porque são o somatório das Uniões e estas, em conjunto, constituem a Conferência Geral. Divisões são "divisões" da Conferência Geral que implementam as decisões da sessão da Conferência Geral e do seu conselho executivo.

Realmente o Senhor tem-nos abençoado ao dar-nos uma organização como esta para o nosso movimento. Cristãos noutras denominações invejam o nosso modo de funcionamento, a nossa estrutura mundial. Louvado seja Deus pela igreja. 



Ilídio Carvalho
(Pr. Ig. Queluz)

Jesus

O Grande Rabi

Quando estudamos a personagem histórica Jesus, ficamos surpreendidos. Se este “homem” que não deixou nada escrito, que não fez escola como os demais, então impõe-se a pergunta - qual foi, concretamente, a Sua missão?

Alguns autores vêem-no como um segundo Moisés, tal como o evangelho de Mateus o descreve - “(...) subiu a um monte, sentou-se e abriu a sua boca (...)” - Mat. 5:1, 2. Tal como o grande legislador do passado subiu ao Sinai, este empreende a mesma acção e começa a ensinar.

O Arraço

É neste contexto que encontramos o célebre v. 17 deste mesmo capítulo 5. Jesus revela, sem deixar quaisquer dúvidas, que a sua missão é a de “Plerôsa” - elevar à plena maturidade, compreensão (da lei) - e não tanto a tradução fria e desprovida de significado contextual - CUMPRIR! Todo o contexto aponta para esta interpretação. Ao longo de 12 antíteses Jesus questiona o passado e revela, pela 1ª vez, uma melhor e maior compreensão da vontade de Deus - cf. v. 21 - 44.

Perante a interpretação rabínica, a maneira como Jesus explica e aplica a lei, cremos ser fácil situar Jesus numa das linhas de pensamento das duas famosas escolas rabínicas da época: a intransigente de Schamai (30 a. C) e a mais liberal, a do célebre Hillel (20 a.C).

Observemos o texto de Mat. 5:43. Aqui Jesus cita o texto de Lev. 19:18. A letra do texto, contornada por uma interpretação restrita, tradicional, dizia que “tu deves amar o teu compatriota, mas o teu adversário, o inimigo, não tens necessidade de o amar”. Eis o que irá dar a oportunidade a Jesus de reiterar o

articulado em Lev. 19:18 e o dissecará em Mat. 5:43 - apresentando uma nova, uma revolução ao nível das mentalidades e nos costumes até ali praticados!

O Mestre

De novo a grande questão - quem era realmente Jesus? O evangelho de João diz-nos o seguinte: “Como sabe ele letras não tendo estudado?” - João 7:15 - ou ainda o relato de Mateus “(...) Onde veio a este a sabedoria e estas maravilhas? Não é este o filho do construtor e não se chama a sua mãe Maria e os seus irmãos Tiago, José, Simão e Judas? E não estão entre nós todas as suas irmãs? Onde lhe veio, pois, tudo isto?” - Mat. 13:54-56. Por palavras mais simples - alguém nascido pobre, sem acesso à cultura, nada havia a esperar dele! - cf. João 7:49. Uma resposta, encontramos-la nas palavras de Nicodemos, rabi em Israel: “(...) Rabi, bem sabemos que és Mestre vindo de Deus (...)” - João 3:2.

Como silenciar, reduzir este “homem” ao seu verdadeiro nível? Como colocá-lo no seu devido lugar e dimensão, socialmente falando? Várias vezes perguntaram a Jesus: “Quem és tu?” ou ainda “(...) quem te fazes tu ser?” - João 8:25,53.

Lembre-mo-nos da defesa de Paulo - este ao falar de si próprio - refere, claro está, os seus créditos académicos - a sua escola - como ponto de referência, o ter sido discípulo do grande Gamaliel - cf. Act. 22:3. A Jesus, como vimos, faltava-lhe esta vertente académica humana! Que melhor maneira para o silenciar senão atacá-lo, aparentemente no seu ponto mais fraco, na falta de uma escolaridade sólida, diríamos hoje, de uma licenciatura ou, porque não, de um mestrado!

Este foi, realmente, o caminho seguido pelos seus opositores! Em diversos

contextos o tentaram fazer. Apreciemos uma dessas situações descrita magistralmente no 3º evangelho - Luc. 10:25-37. No v. 25 vemos algo de anormal. Um teólogo pergunta a um leigo (Jesus), acerca da vida eterna. Claro que o texto, ele mesmo, adverte o leitor da falsa intenção do teólogo “(...) para testar Jesus”. Jesus irá demonstrar que todo o conhecimento teológico de nada servirá se o amor para com Deus e para com o próximo não determinar a direcção da vida. Note-se a forma magistral como Jesus o interpela: “Que está escrito na lei? Como o interpretas?” - v. 26. Por outras palavras, como é que recitas o que sabes, ou seja o “Schema”. Isto, naquela altura, correspondia para o Judeu o que nos nossos dias - o “Credo” para um Católico.

Este homem, como um papagaio, irá dar cumprimento ao que anteriormente o profeta tinha anunciado acerca do povo de Deus “este povo aproxima-se de mim com a sua boca, com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim (...)” - Is. 29:13. Assim, recita num ápice o texto que se encontra em Deut. 6:4,5. Não esqueçamos que Jesus **nada responde ...** mas unicamente pergunta! Portanto, este homem não carecia, parece, de aprendizagem a nível do texto, mas ali estava para conhecer a posição de Jesus acerca do escaldante tema - “Quem é o meu próximo?” - v. 29 - isto é, saber o que “este” diz acerca de “até onde vai a minha obrigação?”⁽¹⁾

Aqui o escriba confronta Jesus com a tradição inerente ao texto de Lev. 19:18 e ao seu próprio ensino em Mat. 5:43! Jesus, para ilustrar o seu pensamento, contará uma parábola - O Bom Samaritano. Os Samaritanos eram inimigos dos Judeus, pois eram considerados, por estes últimos, como seres de 2ª classe - cf. Luc. 9:52-55; João 4:9. Jesus, pela forma narrativa, toca naquilo em que o Judeu ortodoxo tinha mais

apreço - a hierarquia social tradicional - a saber: Sacerdote, Levita e Israelita e propõe: Sacerdote, Levita e Samaritano!

No v. 29 encontramos a pergunta capital - "Quem é o meu próximo?" O escriba não pergunta: "O que é um próximo?", porque esta questão, para ele, já estava resolvida à partida, pois este era o "amigo", a "família". Por outras palavras, quem, na realidade, eu não posso, não devo amar? Se Jesus se deixasse enredar pela pergunta do escriba teria perguntado: "De qual, dos três o ferido é o próximo?", pergunta que difere da que Jesus realmente fez - cf. v. 36! O escriba responderia: o ferido (Judeu) era o próximo (irmão) do Sacerdote e do Levita ... nunca o Samaritano! O Sacerdote e o Levita deveriam amar o seu próximo; o Samaritano poderia não amar o ferido visto que era seu inimigo! Esta era a resposta do escriba, aquela que tinha sido "programada" para transmitir.

Para Jesus, o próximo - aquele que eu devo amar - não é somente o meu irmão dentro do quadro da aliança, mas todo aquele que de mim precisa e que apela à minha misericórdia em

seu favor. Jesus, tal como vimos, traz uma nova luz sob dois aspectos: 1º - Anula a tradição que, tal como vimos, circulava nos seus dias a este respeito; 2º - Se estou na situação do homem caído nas mãos dos salteadores, o meu próximo, segundo o ensino da parábola, não é aquele que eu *devo amar*, mas *aquele que me ama!* Esta verdade, como corolário do ensino de Jesus, o escriba é obrigado a reconhecer que o próximo, na parábola, "é aquele que sou de misericórdia para com ele" - v. 37. Todos, em relação a Deus, ocupamos a posição de caídos nas mãos dos salteadores (pecado) e ... se é Deus que nos salvou (em Cristo), então Deus em Cristo) revela-se como nosso próximo.

A Grande Questão

Através do diálogo, Jesus mostra claramente que, contrariamente ao ensino tradicional judaico, o amor não tem limites.

A nível teológico coloca-se, como corolário do pensamento de Jesus, a necessidade de "afinar" certos conceitos bíblicos, diria mesmo, certa xegése. Vejamos um texto que encontramos no Novo Testamento. O contex-

to é o mesmo, pois para Jesus não havia quaisquer dúvidas, em termos hierárquicos, acerca destes dois mandamentos.

O texto é o de Mat. 22:37-39. No v. 37 revela que o articulado do verso anterior é o "1º e grande mandamento" e no v. 39 diz que "o amor ao próximo" é "semelhante" ao 1º grande mandamento. Consultemos um dicionário para apreciarmos estas 2 palavras: *Semelhante* e *Idêntico*. 1º- *Semelhante*: - Que tem a mesma forma; quase igual a; da mesma qualidade, etc. 2º- *Idêntico*: - Que é igual a outro; que se encerra dentro da mesma ideia apesar das diferenças de forma. (2) Neste mesmo contexto exegético encontramos, a título de exemplo, textos como: Apoc. 13:4; 18:18. Aqui a palavra "Omoios" é sempre traduzida por - *semelhante* - tal

nos apresentado o seu libelo acusatório! (3)

É aterradora a forma caluniosa nele contida: "(...) Havemos achado este, pervertendo a nossa nação, proibindo de devolver o imposto a César e dizendo-se o Cristo" - Luc. 23:2. Repare-se nas falsas acusações: 1ª- Proibia a devolução do imposto a César; 2ª- Auto proclamava-se o Cristo, Ungido, Messias; 3ª- Pervertia a nação. Deixo para o final esta acusação, pois é a que nos ocupa neste momento. Mas o que é que Jesus perverteu? Vejamos: 1 - Ensinou a recolocar a mulher no lugar que lhe era devido, socialmente falando, pois até ali esta era uma "coisa" que o homem possuía - cf. Mat. 21:31,32; Luc. 7:37-39; João 4:27;8:3-11; 2 - Ensinou a amar, a respeitar as crianças, visto que até então estas não representavam rigorosa-

Através do diálogo, Jesus mostra claramente que, contrariamente ao ensino tradicional judaico, o amor não tem limites.

como no texto em lide.

Perante a interpretação do Mestre galileu, o 2º mandamento não é *semelhante* ao 1º mas, segundo a filologia portuguesa, será mais consentâneo traduzir a palavra por - *idêntico*. Assim, ao dizer "amarás o teu próximo como a ti mesmo" isto quer dizer "amarás Deus (que te amou) como a ti mesmo". Logo, a distinção rabínica entre "aqueles que eu devo amar" e "aqueles que eu posso desprezar" foi totalmente banida. Já não existe mandamento nº 2 mas um único - o amar Deus - em resposta ao seu amor com o qual nos amou. Sem dúvida alguma que podemos classificar Jesus como um Mestre próximo da escola de Hillel, pois ao compreendermos Deus, assim anularemos toda e qualquer barreira de separação. Era assim que Jesus se enquadrava, pois ele mesmo afirmou que "a minha comida é fazer a vontade de Deus" - João 4:34.

A ousadia tem o seu preço. Era necessário anular este "estranho" Mestre. O N. T. revela-nos as múltiplas tentativas para dar corpo a este propósito. Passemos por alto estes mesmos passos e vejamos somente a fase final destas tentativas. Conseguem prender Jesus, o não violento, e levam-no a Pilatos. Ficamos surpreendidos ao ser-

mente nada - cf. Mc. 12:13-16; 3 - Enginou a melhor compreensão da vontade de Deus - se O amamos, então não há quaisquer barreiras para amar o próximo, pois este representa, dentro do que podemos analisar, o próprio Deus - na medida em que a divindade se manifesta em nós duplamente: na Criação e na Redenção. Então, em que Jesus perverteu a nação? Em toda a honestidade - em NADA, antes pelo contrário!

Conclusão

A divindade não brinca connosco, não nos pede o que à partida sabe que não podemos fazer. A ordem imperativa foi "sede perfeitos como vosso Pai celeste(...)" - Mat. 5:48. Ao compreendermos a lição, tal como o escriba compreendeu, então, esta ordem está à nossa mercê e o cristianismo não será mais um peso mas uma necessidade de vivência, tal como o respirar. ✠

1 - J. Jeremias - *As Parábolas de Jesus*, p. 202

2 - José Pedro Machado - *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*, Vol. VI, p. 65

3 - J. Jeremias - *A Mensagem Central do Novo Testamento*, p. 51. Na cruz pendurava-se acima do crucificado o "titulus", um cartaz que o condenado à morte trazia ao pescoço ao percorrer a via do suplício e no qual estavam escritos os crimes que motivaram a sua condenação.

Ela tinha os olhos fechados. Vestida de branco, a sua cara parecia feita de cinza. Estava morta. E ela era minha amiga. Eu tinha 6 anos e, com os seus irmãos e irmãs, rezava por ela.

Na Irlanda, onde cresci, os funerais eram acontecimentos comunitários mas, ali de joelhos junto à cama da minha amiguinha, a minha mente infantil foi abruptamente despertada para a vida espiritual. As perguntas clamavam por respostas. Fiquei obcecada pela morte. *Porque é que a minha amiguinha tinha de morrer? Porque é que Deus me dava vida, se depois me ia tirar?*

Fui criada, como os meus seis irmãos, uma Católica Romana devota. Quando tinha menos de um mês de idade, fui baptizada na Igreja de S. Pedro e S. Paulo. O meu pai era jardineiro num convento Franciscano e conheci Jesus, Maria e os Santos muito cedo.

O número e a urgência das minhas perguntas foram aumentando com o passar dos anos. Na imutável sociedade da minha juventude, o tempo passava devagar e sem percalços. Tanta coisa era tomada como certa; tantas perguntas ficaram por fazer, quanto mais por responder. Sob a minha capa de sorridente despreocupação, havia um mundo de quebra-cabeças e contradições que não se ajustavam.

Uma das poucas coisas de que tinha a certeza, era da morte; havia um céu a ganhar e um inferno a evitar. A piedade angelical da minha mãe era outra das coisas em que podia confiar.

Quando eu tinha 13 anos, um grupo de freiras visitou a escola Católica que eu frequentava, tentando recrutar raparigas para a sua ordem. Deixaram-me uma impressão positiva e eu comecei a corresponder-me com elas.

Aos 14 anos deixei a minha casa para frequentar uma escola que ficava a muitos quilómetros de distância e onde as raparigas que tencionavam ingressar na ordem recebiam uma educação esmerada. Anos mais tarde eu fazia parte do pequeno grupo seleccionado para ser instruído numa faculdade especial na Inglaterra. Nesse

Verão de 1964 fui a casa para as minhas últimas férias antes de me tornar freira.

O meu pai acompanhou-me na viagem de regresso à Inglaterra. Lembro-me daquele dia de Setembro em que nos separamos. Estava quente e as folhas giravam à nossa volta, mas um manto frio como cristal parecia querer cobrir tudo. Chorámos na despedida. Uma freira idosa levou-me até junto das outras raparigas. A sua voz era fina como um fio de água a correr através de ferrugem. Ali permaneci três anos a estudar e treinar, pontuados com as celebrações diárias da missa e outros exercícios devocionais.

Os muitos caminhos na procura da verdade sempre conduzem a um encontro com um Deus pessoal da cruz.



A História de Uma Freira

Em Abril de 1967 tornei-me na Irmã Angela Martin, uma filha do Espírito Santo. Foi um momento especial, aquele em que recitei os meus votos de pobreza, castidade e obediência, e “tomei o véu” na presença do bispo e da minha família e amigos. Dentro de pouco tempo segui para a bela Gales, onde fui ensinar uma classe de crianças de sete anos.

A escola ficava localizada numa pequena cidade aninhada entre os verdes montes Gauleses. Passava horas a olhar os montes. O próprio ar parecia cheio de canções de pássaros. As tardes de sombras

alongadas apontavam para aldeias com currais, vacas regressando a casa, e crentes a voltar da igreja. No entanto, foi em Gales que as minhas perguntas antigas vieram à tona, de respostas nem procuradas nem dadas, fazendo ainda parte do quebra-cabeças que não se ajustava. Acima de tudo, havia um fosso entre mim e Deus que eu mais tarde reconheci ser a falta de uma certeza de que Ele me aceitava.

O meu descontentamento minava-me como uma hemorragia. Embora vivesse numa “comunidade espiritual”, descobri como as outras irmãs eram “humanas”, e como eu própria era “humana”. O ambiente à minha volta era idílico mas a realidade sobrepôs-se. Aos poucos fui forçada a concluir que não era a quantidade de exercício espiritual que me ajudaria a transpor o fosso que havia entre mim e Deus, entre mim e as minhas irmãs, entre mim e o meu próprio sentimento de vazio.

Numa Páscoa, uma freira mais velha e eu estávamos a limpar as janelas do convento. A Primavera entra com passinhos de lã em Gales. Crostas de gelo cercavam as goteiras e o ar, nublado e paralisado entre duas Estações, tingia os prédios de uma monotonia majestosa. Por momentos, deixei de limpar e comentei para a Irmã Maria Teresa: “Irmã, nós deveríamos era estar na vila a contar às pessoas sobre Jesus e como Ele morreu por nós.”

Mais tarde, ao ver televisão, vi o Papa Paulo VI a ser levado numa liteira acima

da cabeça do povo de Roma. A atmosfera de pompa e grandeza chocaram com o meu conceito da humilde simplicidade da vida de serviço que Jesus viveu. Senti mais e mais a necessidade de partilhar o evangelho com as massas que ainda não tinham aceitado Jesus como seu Salvador.

Dentro de pouco tempo fui chamada novamente a Bedford, Inglaterra, para me preparar para os meus votos finais no fim do meu quarto ano. Mergulhei no estudo. Embora a cerimónia, propriamente dita, fosse um acontecimento privado, presenciado apenas pelas freiras da ordem, o seu significado começou a oprimir-me. Cheguei à conclusão que não poderia manter a

fachada da minha vida religiosa. Não estava preparada para um compromisso como esse. Ainda tinha muitas perguntas – perguntas sobre o pecado e o sofrimento. Não tinha respostas claras e a minha mente estava num torvelinho.

Na Irlanda, o meu pai estava a morrer de cancro. Por vezes preferia morrer a ter de tomar a decisão de deixar a minha ordem e desiludir a minha família.

Reuni-me com as minhas superiores. As freiras foram compreensivas e prestativas. Assinei os papéis necessários para libertar as irmãs de quaisquer obrigações para comigo. Tivemos, até, uma festinha de despedida na qual me deram um lindo cartão assinado por todas. Dentro, lia-se “Sê verdadeira para contigo própria”. Isso era exactamente o que eu estava a tentar fazer, mas não sabia bem como fazê-lo.

Pouco tempo depois estava de volta ao “mundo real” – que por vezes

era demasiado real. Encontrei trabalho como assistente social para crianças inadaptadas. Comecei a ter uma vida social. Mas, como não estava habituada aos “caminhos do mundo”, era muito vulnerável.

Saí com um rapaz durante quase um ano, e só depois descobri que ele estava separado da mulher mas ainda não se divorciara. A minha fé Católica ainda era muito importante para mim, de forma que terminei o relacionamento imediatamente.

À procura de uma nova vida, rumei para Londres. Encontrei logo um emprego como assistente numa loja. Mas a minha vida continuava vazia. Ainda pensava profundamente em Deus. Examinei tudo – desde o Exército de Salvação até Hare Krishna. Fui a bailes para me divertir mas, no fim, sentia apenas uma grande solidão.

No estado em que me encontrava, a vida do convento começou a parecer-me, de novo, muito atraente. As histórias sobre a Madre Teresa de Calcutá atraíam-me. Cheguei até a escrever uma carta pedindo autorização para ingressar na sua ordem, mas acabei por não a enviar.

Uma noite fui a um baile. Tinha decidido que seria o meu último baile. Aí, conheci um irlandês alegre chamado Bob. Dançava muito bem e tornámo-nos amigos. Um ano depois estávamos casados. No ano seguinte tivemos gémeos. Como a vida em Londres não era das melhores, decidimos regressar à Irlanda, tendo acabado por nos alojarmos na minha aldeia natal.

Eu era uma mãe Católica consciente das minhas obrigações sobre os ensinamentos da igreja quanto aos filhos. Em oito anos de casados, o Bob e eu tivemos seis filhos. A tensão financeira trouxe um grande stress ao nosso casamento. Chorei muito durante esses anos.

Além de toda a tensão da vida familiar, eu ainda tinha as minhas perguntas, ainda buscava alguma coisa. Estudei com outras igrejas, mas voltava sempre à minha própria Igreja Católica. Sentia que necessitava de mudança, mas ainda acreditava que era a igreja verdadeira.

Num dia do Verão de 1978 eu fui ver a minha mãe quando chegou uma visita. Ela apresentou-se como Eithne Amos, uma “colportora evangelista”. Ela transpirava confiança e parecia-me muito inteligente. Mas mesmo assim, ficou um tanto admirada quando perguntei de rompante: “O que é a verdade? Você tem-na?”

Eu estava orgulhosa quando recitei meus votos de pobreza, castidade e obediência.

Quando voltava para casa, a pé, admirava-me de ter conseguido fazer a pergunta. Mas estava ainda mais admirada com a sua resposta: “Sim”, dissera ela, “eu *tenho* a verdade.” E começara a demonstrá-lo directamente da Bíblia, pegando nas minhas perguntas e, com uma série de passagens bíblicas, respondendo a cada uma.

A Eithne continuou a visitar-me durante quatro anos. Estudámos juntas. Orámos juntas. Ela ajudou a minha família com alimentos e roupa e, um dia, trouxe com ela alguns amigos e um pastor Adventista muito simpático.

Tínhamos sido alertados pelo nosso padre para nos precavermos contra as interpretações da Bíblia. Eu *quis* sempre que o Catolicismo estivesse certo, mas sabia que não estava satisfeita. Em conjunto com a Eithne, o pastor Adventista ia dando ainda mais respostas às minhas perguntas e apresentou-me uma ideia revolucionária: eu não tinha de trabalhar para alcançar o céu. Eu *não podia* trabalhar para alcançar o céu. A salvação era um dom de Deus através do sacrifício de Cristo na cruz. Quando me identificava com o Seu sepultamento, os meus pecados eram sepultados com Ele, perdiam-se nas profundezas insondáveis do esquecimento de Deus. Quando me identificava com a Sua ressurreição, eu ressuscitava com Ele

para uma vida cristã vibrante, significativa e vitoriosa. Eu descobrira o evangelho!

O Pr. Don Vollmer, uma pessoa humana e extrovertida, assegurou-me que Jesus me amava. Ele fez-me compreender perfeitamente o evangelho da justificação só pela fé em Jesus Cristo. Eu bebia cada palavra.

Por fim, em 1983, a mensagem que aprendera com o Pr. Vollmer e as Escrituras que me tinham sido abertas pela Eithne Amos sararam-me. De repente, as Escrituras faziam sentido de forma maravilhosa. As lágrimas correram-me pela cara. Ajoelhei no chão da minha cozinha e, pela primeira vez, confessei que o Senhor era meu redentor.


Jesus entrou na minha vida e, para mim, ela recomeçou. Era uma vida diferente, vivida numa dimensão diferente. Usando as palavras do hino, “O céu desceu e a glória encheu a minha alma.”

Mais de 30 anos de buscas, de perguntas e de culpar Deus, tinham chegado ao fim. Eu tinha compreendido a verdade, e ela libertara-me. Aprendera a confiar em Deus. Via o Seu carácter, o carácter de um Deus que me amava tanto que dera o Seu único Filho para morrer por mim. Estava livre, finalmente!

Num dia pesado, os faróis de um carro iluminaram a noite e o seu motor foi desligado à minha porta. A Eithne Amos apareceu na ombreira. Disse-lhe que me tinha decidido. Os seus olhos encheram-se de lágrimas ao reconhecer o trabalho do Espírito Santo na minha vida. Orámos juntas, e a Eithne telefonou ao Pr. Vollmer informando-o de que eu queria ser baptizada.

E pouco depois, no mês de Julho, com um sol desmaiado a tentar romper por entre as nuvens, o Pr. Vollmer baptizou-me no Rio Corrib, em Galway. O meu marido, quatro dos nossos seis filhos, e todos os meus amigos Adventistas testemunharam o acontecimento. Que dia, aquele!

Louvo a Deus pela Sua cura. Louvo-O por me continuar a curar e a perdoar. E louvo-O pela alegria de poder partilhar com outros a forma maravilhosa como Ele me guiou.

O meu caminho tem sido longo a tortuoso. Começou ao pé da cama de uma criança morta, mas houve um recomeço, e a minha viagem a caminho do Reino de Deus continua. E cada novo dia parece-se com o começo de uma nova aventura. 

Eduardo Graça

(Pr. Ig. Amadora e Reboleira)

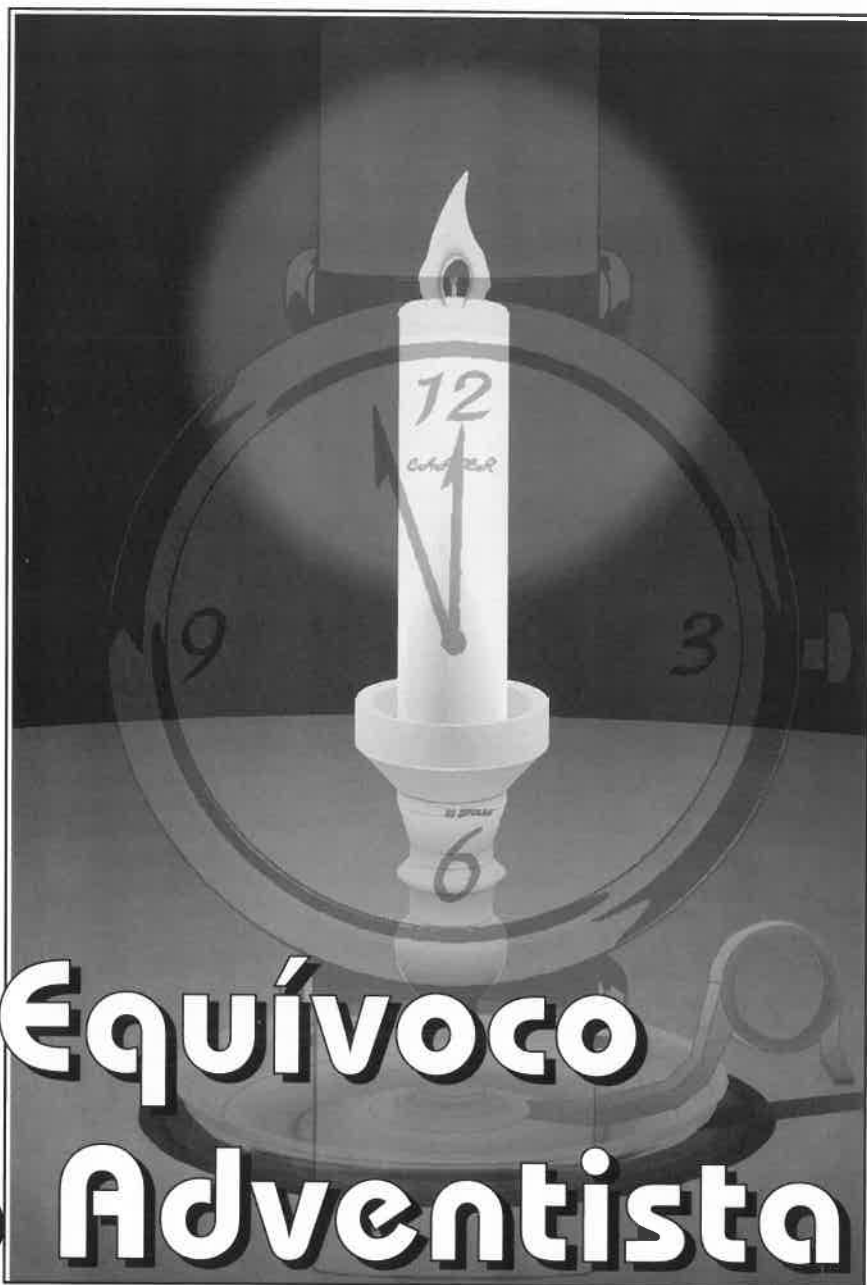
Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus crede também em Mim.

Na casa de Meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E se Eu for e vos preparar lugar virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também.” - João 14:1-3

Não há adventista que não conheça esta passagem e muitos dentre eles a sabem de cor, uma vez que ela apresenta aquilo que o apóstolo Paulo chamou, na sua carta a Tito, “a bem-aventurada esperança” - Tito 2:13.

Porém, é frequente sentir, por vezes mesmo ouvir, entre alguns dos membros mais antigos desta Igreja, um certo desalento pelo facto de Jesus ainda não ter vindo já que, no momento em que aceitaram a fé, alguns há muitas dezenas de anos, ouviam falar da “breve” volta de Jesus. Assim vários, em certo aspecto, hipotecaram o seu futuro, pois não valia a pena estudar ou fazer grandes planos, uma vez que Jesus estava às portas. Porém os anos passaram e Jesus, afinal, ainda não voltou. Quantos desses nossos irmãos, inclusivamente, já descansam na sepultura!

Quando pensamos no movimento de 1844 e analisamos a ansiedade e alegria com que nessa época se aguardava o regresso do Salvador, e depois lemos no Espírito de Profecia, posteriormente ao



O Equívoco do Adventista

desapontamento, repetidas vezes a afirmação de que não era plano de Deus que o Seu povo ficasse por tanto tempo retido nesta terra, somos levados a pensar que algo não está bem e somos até capazes de fazer um diagnóstico correcto das razões da demora.

Se quisermos recuar ainda mais, recordemos os discípulos de Jesus e Paulo e constatamos como era viva, no seu coração, a esperança, a certeza, da breve vinda do Mestre. E, no entanto, cerca de dois milénios são passados e Jesus ainda não regressou para cumprir as Suas promessas.

Viver nesta expectativa da 2ª vinda

de Jesus tem levado muitos a desistir, a desanimar, a enfraquecer a sua esperança em consequência da demora que se pensava muito menos longa.

Deveríamos, porém, analisar as razões reais do nosso desejo relativo ao regresso de Jesus.

Quais são as nossas verdadeiras motivações sobre este tão importante assunto? Eis algumas possíveis:

- 1ª Este mundo não oferece nada de bom.
- 2ª As guerras, a insegurança, a violência.
- 3ª A ausência de certezas no que respeita ao trabalho.

- 4ª O Mundo em degradação moral.
 5ª A questão da destruição lenta e sistemática deste mundo físico.
 6ª A constatação de que não há lealdade entre as pessoas. E tantas outras razões que cada um pode apresentar em função das suas próprias angústias ou anseios.

Quem dera que Jesus viesse depressa para pôr fim a esta forma de viver - dizemos nós.

No entanto reparemos que, sendo estas razões realmente verdadeiras e válidas em si mesmas, têm um fundo de egoísmo, uma vez que são resultantes da ausência de segurança para o meu bem-estar familiar, económico, e outros aspectos do *status quo* que são agradáveis e tranquilizadores.

Estes sentimentos revelam um aspecto do mal que ataca a Igreja (e será bom não esquecer que a Igreja sou eu, somos todos nós). E esse mal advém do facto de que quase todos somos *adventistas*, mas poucos somos *crístãos*. Aceitei as doutrinas que distinguem a minha Igreja das outras, sou provavelmente capaz de as defender e explanar sem dificuldades de maior, mas talvez o meu "*crístianismo*" fique por aqui. Somos um pouco como os fariseus: dizimamos a hortelã, o endro e o cominho e desprezamos "o mais importante da Lei, o juízo, a misericórdia e a fé." - Mat. 23:23. Aceitamos os ensinamentos de Jesus, mas nem sempre aceitamos Jesus. Será que não teremos ficado, tão só, pelo formalismo da obediência nos seus aspectos exteriores e temos esquecido que "a vida eterna é esta: que Te conheçam a Ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a Quem enviaste" - João 17:3 - no fundo uma relação entre pessoas?

Quão bom seria que adventista fosse sempre sinónimo de crístão! Que crístão seria esse adventista! Agregaria em si a esperança/certeza da vida eterna com Jesus, mas pelos motivos correctos.

Quais são os verdadeiros motivos dos meus actos bons? Gratidão para com Deus pelo Seu amor pessoal por mim? Ou medo do castigo que virá sobre os desobedientes? Que conceito tenho eu de Deus? O Deus duro que ceifa onde não semeou e ajunta onde não espalhou que o servo infiel via no seu senhor (Mat. 25:24) ou o "Deus piedoso e misericordioso, longânimo e grande em benignidade e que Se arrepende do mal", que o profeta, apesar

de todos os seus defeitos, conhecia? (Jonas 4:2).

Por muito que me custe aceitar este facto, a verdade é que a Bíblia diz que os *meus* actos bons são como "trapos de imundície" - Isaías 64:6. Estes actos a que chamamos bons ou são feitos como

Quais são os verdadeiros motivos dos meus actos bons? Gratidão para com Deus pelo Seu amor pessoal por mim? Ou medo do castigo que virá sobre os desobedientes?

fruto da presença de Jesus na nossa vida, e então "já não sou eu que vivo mas Cristo que vive em mim" - Gál. 2:20 - ou não passam de mero exercício de caridade vã e sem consequências de maior na minha evolução crístã, muito menos para a eternidade.

É que ser adventista, não é viver obcecado com a ideia do fim do mundo, das perseguições, do "tempo de angústia de Jacob", dos sinais da segunda vinda do Mestre e outras coisas do mesmo género, mas sentir que, embora tudo isso seja importante e verdadeiro, o mais importante é o dia de **HOJE**. Tal como escreveu Paulo "Hoje se ouvires a Sua voz, não endureçais os vossos corações" - Heb. 4:7. De que me serve todo o estudo cuidadoso das profecias e a preparação para os dias futuros se hoje terminar os meus dias? De que servem as provisões para amanhã se só tenho o hoje? Todo o pensamento das Escrituras aponta para a necessidade de viver o momento presente como se fosse o último no que concerne à salvação tal como diz a letra do velho hino "O amanhã não sei se vem".

Quando lemos acerca do anseio dos discípulos de Jesus a respeito da Sua

segunda vinda, deveríamos vê-lo mais como a ideia do regresso do Amigo. O que estava presente no seu coração era a alegria do reencontro. A reunião dos amigos entre si. Havia todo um anseio por estar de novo com Aquele que os guiara, ensinara, protegera e, por fim, por eles dera a vida. Era o amor por Jesus que motivava os seus anseios que encontramos tão bem expresso por João ao terminar o Apocalipse "Ora vem Senhor Jesus" - Apoc. 22:20. O contexto imediato desta expressão, são as palavras de Jesus "Certamente cedo venho"; e agora o apóstolo deixa sair o mais profundo desejo da sua alma: estar com Jesus, com o seu Amigo. Era o amor, não outra qualquer coisa que motivava os seus desejos mais íntimos de ver Jesus voltar.

E nós? Quais são os nossos motivos? Não deixemos que a nossa vida religiosa se torne num equívoco. Não desprezemos os valores que temos o privilégio de possuir; não reneguemos a herança espiritual que nos foi legada. Não desprezemos as profecias; não ignoremos os sinais da Sua vinda; não classifiquemos como de pouca importância a obediência aos preceitos sagrados que são os Dez Mandamentos. Mas, ao mesmo tempo e acima de tudo, aprendamos a amar o nosso Mestre e Salvador. Em consequência amemos a Sua vinda. Tal como o profeta nos entusiasma "Conheçamos e prossigamos em conhecer ao Senhor" - Oseias 6:3. Mas meus irmãos, pelo amor de Deus, façamo-lo pelos motivos correctos e vivamos o dia de hoje, sem a ansiedade da demora, ou o medo do que está para vir, mas com a alegria antecipada de estar com Jesus o nosso Salvador. Vê-l'O, abraça-l'O e amá-l'O.

"Não se turbe o vosso coração. Crede em Deus crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo para que onde Eu estiver estejais vós também." - João 14:1-3.

Alimentemos esta "bem-aventurada esperança". Mas, acima de tudo, vivamo-la nos nossos corações. Conheçamos então o sabor da alegria, da comunhão e da amizade mais profunda, mais íntima, mais compensadora e mais duradoura que alguém pode imaginar: a alegria da amizade e da comunhão com Jesus já, hoje, agora.





O Grande Conflito

- Avô, para a nossa conversa de hoje temos o Grande Conflito.

Um conflito é uma guerra. Que guerra é esta?

- É uma guerra entre o bem e o mal. Eu vou explicar. Lúcifer era um anjo com privilégios especiais no céu. Mas ele tornou-se orgulhoso e quis ser igual em poder, não no carácter ou no amor, ao próprio Deus. Então revoltou-se, provocou uma guerra no céu e acabou com a tranquilidade no

reino celestial, até porque levou consigo muitos anjos para esta revolta. Mas isso foi no céu. Como é que esse conflito chegou à Terra? Chegou à terra porque Lúcifer, agora conhecido por Satanás, Diabo, etc, quis levar outros para a sua rebelião. Então, disfarçado de serpente (que na altura era um animal lindíssimo) Satanás falou a Eva contra Deus. Disse-lhe que ela podia ser igual a Deus, para isso bastava que comesse do fruto da árvore que Deus tinha proibido.

- E Adão também comeu, não foi, avô?

- Sim, e deste modo Satanás tirou aos nossos primeiros pais o

domínio da Terra e considerou-se príncipe deste mundo.

- E quais foram as consequências? - Ele deformou a imagem de Deus e, por isso, a humanidade deixou de obedecer às leis de Deus que tinham como objectivo a felicidade do homem. As coisas passaram a correr mal e Satanás lança as culpas sobre Deus. Entretanto, Jesus veio à Terra para mostrar o verdadeiro carácter de Deus e obedecer totalmente à Sua vontade. Ele mostrou que Deus é justo e bom e que os argumentos de Satanás são falsos.

- É verdade que Satanás também tentou Jesus? - Sim, várias vezes, mas Jesus manteve-se firme e preferiu ficar do lado de Deus, dando-lhe o seu exemplo. Cabe a cada um de nós fazer a escolha.

- É verdade que Satanás também tentou Jesus?

- Sim, várias vezes, mas Jesus manteve-se firme e preferiu ficar do lado de Deus, dando-lhe o seu exemplo. Cabe a cada um de nós fazer a escolha.

M^a Augusta Lopes

(A seguir não percas a explicação do avô sobre: Cristo: vida, morte e Ressurreição)





Novo Cargo

Odete Ferreira, que tem exercido o cargo de directora assistente do Adventist Colleges Abroad (ACA), foi eleita sua directora no passado dia 6 de Fevereiro.

Com sede no Departamento de Educação da Divisão Norte Americana, o ACA dá, a alunos universitários, a oportunidade de estudarem em outros países. Odete Ferreira substituiu Charles T. Smith que foi transferido para a La Sierra University.

Califórnia – Primeira Congregação Portuguesa

A congregação de Chino, Califórnia, é a primeira de língua portuguesa no oeste dos Estados Unidos.



“Quando solicitámos a conferência autorização para nos organizarmos como igreja, pensei que seria fantástico se pudéssemos ter um edifício próprio,” diz o Pr. Edilson Elsen. “Tínhamos 150.000 dólares para esse efeito e comprámos um edifício que nos custou 200.000 dólares. Um mês depois os membros já tinham conseguido levantar o restante.

Os membros de igreja, vizinhos e amigos ofereceram então os seus serviços

voluntários para proceder às reformas necessárias.

Universidade de Loma Linda

A equipa da universidade de cirurgia cardiovascular regressou de Myanmar após ter cumprido uma apertada agenda que incluiu operações de coração aberto em 15 doentes. A chefe da equipa, Dra. Joan Coggin, assistente nesta universidade e directora de programas internacionais, trabalhou em conjunto com o Pr. Peter Cooper, director da ADRA/Myanmar. As idades dos doentes submetidos a intervenção cirúrgica eram compreendidas entre os 20 meses e os 27 anos. Cerca de 131 caixas de equipamentos e provisões alimentares, avaliadas em 300.000 dó-

lares, foram oferecidas por várias companhias médicas e farmacêuticas americanas.

Zaire

Perto da cidade de Gona existem vários campos de refugiados. Aqui a ADRA presta auxílio a cerca de 50.000 e tenta, em todos os campos, encontrar os pais das 20.000 crianças separadas destes devido à guerra. Cada uma destas crianças representa um drama.

Durante o êxodo dos refugiados do Ruanda para Gona, Zaire, o missionário Vyhmeisters dirigiu-se para esta localidade. Ali encontrou uma criança com cerca de três anos sentada, sozinha, entre os mortos, a chorar. Tomou-a nos braços e chamou-lhe Moisés. Alguns dias mais tarde Moisés foi entregue à ADRA na tentativa de se encontrarem os pais.

Divisão África- Oceano Índico

Kananga, sede de West Kasai. Com cerca 96.000 membros, é o maior campo desta Divisão. Para cima de 4.000 membros e convidados permaneceram sob calor intenso durante os serviços de Sábado. Alguns destes irmãos caminharam entre 250 a 400 Kms, vindos de Angola e zonas limítrofes, para assistirem a alguns programas nesta Divisão.

Mugunga / Zaire

Nesta região vive cerca de um milhão de refugiados espalhados pelos cinco campos ali existentes. A ADRA está ali instalada e, segundo as últimas sondagens, encontram-se naquele local milhares de crentes adventistas. No entanto, representam uma pequena parte dos 27.000 membros que vivem nestes campos. Ali estavam cerca de 48 pastores já reformados entre os 66 existentes e para cima de 100 professores que continuavam a trabalhar desde 1994. Empenhados na proclamação do evangelho eterno, baptizaram para cima de 4.000 preciosas almas.

Vietnam

Foi aberto ao público o novo departamento para atendimento de doentes externos em Phu Ly, a 60 kms a Sul de Hanoi. Este novo departamento custou 150.000 dólares e faz parte do hospital Ha Nam e capacita-o para um maior e eficaz serviço a cerca de 1 milhão de habitantes. Susan Boyd, a embaixadora da Austrália no Vietnam, e o ministro da Saúde Pública oficializaram a abertura destes serviços.

Este projecto orçado em mais de 675.000 dólares foi implementado pela ADRA Vietnam. Incluído na ampliação do hospital está o respectivo equipamento e pessoal especializado que visitaram a Tailândia e a Malásia para observarem a forma de gerência hospitalar nestes países.

Tuzla / Banja Luca

A ADRA-Alemã ocupa-se de 2.000 famílias de refugiados da Bósnia que estão no campo de Zivenice, perto de Tuzla, ajudando-os com arroz, carne, feijão e peixe. Também foram distribuídos cobertores e artigos de higiene às vítimas da guerra civil, principalmente a mulheres, crianças e idosos. A ADRA está pronta a transportar da Bósnia para Banja Luca, estes bens de auxílio, logo que a situação permita um transporte seguro. O Ministério dos Negócios Estrangeiros da Alemanha também participa em ambos os projectos.

Os Cleópas do Milharal



Domingo era de Páscoa e Jerusalém estava repleta. Peregrinos de todas as partes do mundo conhecido de então enchiam o templo e as ruas. No entanto, sentia-se um clima diferente, naquele ano. Falava-se na crucifixão do jovem Nazareno e, à boca pequena, corriam rumores de que tinha ressuscitado.

Cleópas e o seu amigo regressavam, cabisbaixos, a Emaús. Também eles falavam disso. Um estranho juntou-se-lhes e, pelo caminho, explicou-lhes as Escrituras...

Hirã Edson tinha aceite Cristo e todas as verdades do Advento com o coração cheio de entusiasmo, em 1843. Dedicou-se a levar a mensagem aos seus vizinhos e amigos.

Uma noite, pareceu-lhe ouvir uma voz que lhe ordenava que fosse à casa de um dos seus vizinhos que estava gravemente doente e o curasse. Perturbado, pois achava que esses milagres tinham terminado nos tempos bíblicos, lutou com esse pensamento. Orou, pedindo a Deus que o iluminasse. A voz parecia-lhe cada vez mais clara e, à luz de uma vela, dirigiu-se a casa do amigo.

“Irmão,” disse Hirã pondo as mãos sobre o doente “o Senhor Jesus cura-o”.

Para espanto de todos os presentes, o doente levantou-se e andou pelo quarto a louvar o nome de Jesus. A família, que já dormia, acordou e juntos agradeceram a Deus.

Depois disso, Deus ordenou-lhe que pregasse a mensagem do Advento e centenas de pessoas foram levadas a Cristo por seu intermédio.

Mas, embora não fosse época da Páscoa, o desapontamento também enchia os corações, naquele mês de Outubro, de 1844. Os ‘discípulos’ estavam cabisbaixos e procuravam, honestamente, compreender as Escrituras.

Uma manhã, Hirã Edson sugeriu a um dos seus amigos que fossem visitar alguns vizinhos a quem tinham dado a mensagem e que estavam desanimados. Talvez para encurtar caminho, atravessaram um milharal.

“Detive-me no meio do campo,” contou Hirã Edson. “O céu parecia abrir-se à minha frente e vi, distinta e claramente, que em vez de o nosso Sumo Sacerdote sair do Lugar Santíssimo para regressar à Terra (a 22 de Outubro),

Ele tinha, na realidade, *entrado* no segundo compartimento desse santuário; e que *Ele tinha uma obra para realizar* no Santíssimo antes de vir à Terra.”

Em todas as épocas, Deus usou homens simples para missões especiais. Abraão, um pastor nómada, foi escolhido para ser pai do Seu povo; Daniel, o jovem cativo; Cleópas, um discípulo pouco conhecido, recebeu instruções especiais que conduziram à fundação da igreja cristã.

E Hirã Edson, o “Cleópas do milharal” do adventismo, era um agricultor do norte do Estado de Nova Iorque – um leigo dedicado e estudioso da Bíblia – recebeu a mensagem que ajudou a compreender o ministério celestial de Cristo, que era um tema inédito na história da Teologia. Num sentido muito especial, a Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu ali, naquele milharal, enquanto um agricultor contemplava Cristo.

Adaptado do livro “*História do Adventismo*”

Canto Hipócrita

Os dentes podem ser falsos (postiços)", declarou Paul E. Holderaft, "mas a língua deve ser sempre verdadeira".

Há muitas maneiras de mentir. E entre elas destaca-se a mentira através do cântico, quando com falsidade no coração não vivemos aquilo que cantamos. Por surpreendente que pareça, e sem pensarmos, muitas vezes mentimos dentro do santuário de Deus. Fazemo-lo cantando ao Senhor.

Cantamos - "Bendita hora de oração" e não encontramos tempo para dialogar com Deus.

Cantamos - "Que segurança, sou de Jesus" (301) e não desfrutamos o gozo de uma vivência com Cristo.

Cantamos - "Cantarei o amor de Deus" e permitimos que a menor ofensa silencie o Seu louvor.

Cantamos - "Dá-me a Bíblia que eu tanto anelo"

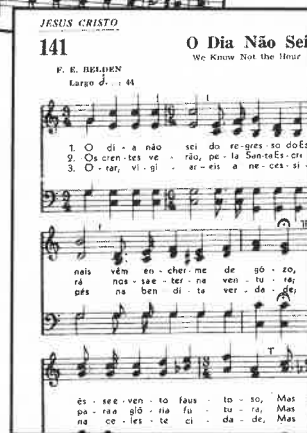
(165) e a abandonamos coberta de pó, na estante.

Cantamos - "O mundo vil abandonei" (498) e continuamos a amar o mundo e o que nele há.

Cantamos - "Tudo entregarei" (477) e, no momento da oferta procuramos no bolso a nota de menor valor para doá-la ao Senhor.

Cantamos - "Que mudança feliz no meu ser se operou" (267) e demonstramos no nosso viver diário que não fomos transformados pelo poder do evangelho.

"Pelo que deixai a mentira e falai a verdade cada um com o seu próximo" - Eféios 4:25



Cantamos - "Hoje serve a alguém" (335) e não estendemos a mão para socorrer os necessitados.

Cantamos - "Paz, dom precioso de Deus" e dependemos de tranquilizantes para dormir, à noite.

Cantamos - "Oh, vem aflito coração, em Deus alívio encontrarás" (237) e peregrinamos nos con-

sultórios de conselheiros e psicanalistas, a procurar um remédio para as nossas neuroses.

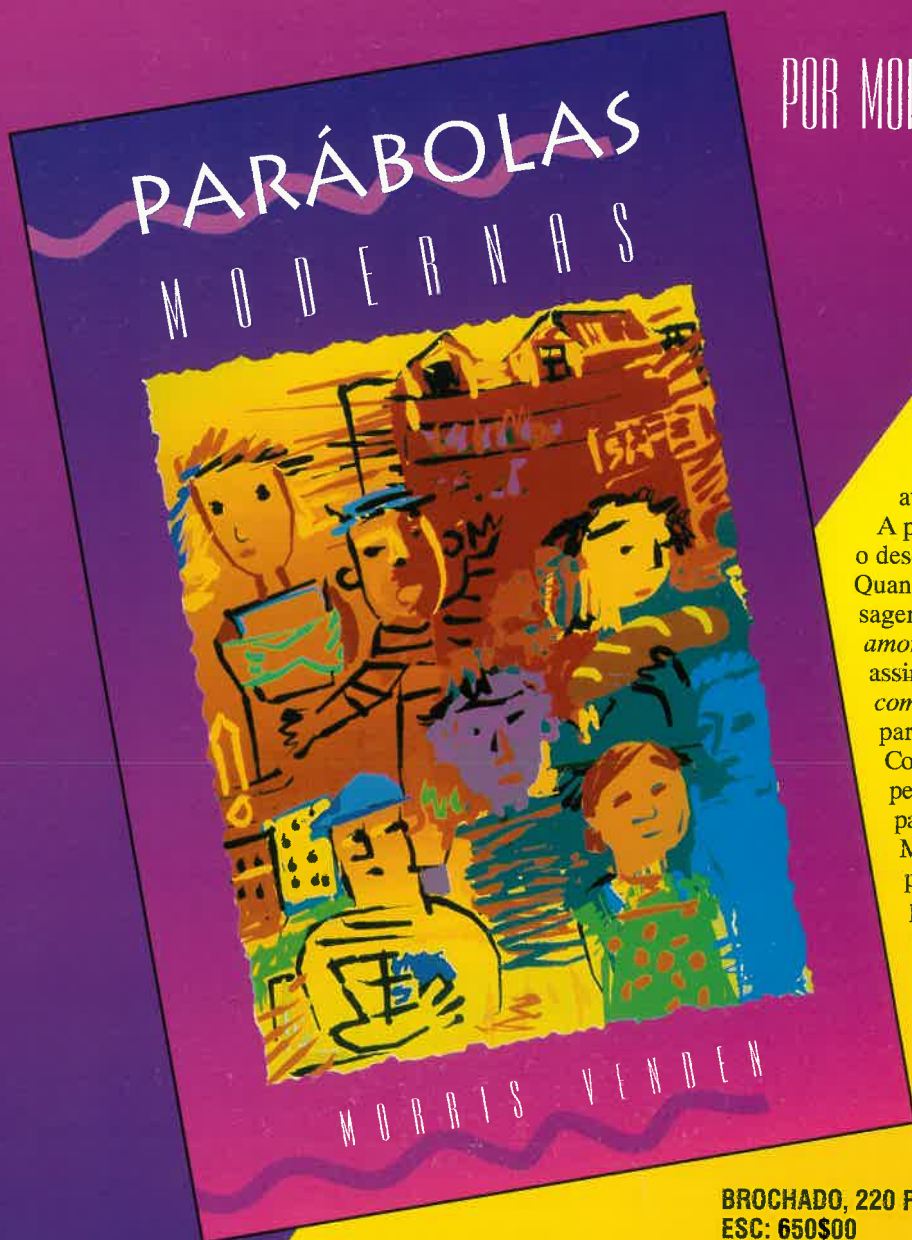
Cantamos - "Cristo vem, vigiemos e oremos, Ele vem" (141) e negligenciamos a preparação pessoal para encontrá-lo.

"Pelo que deixai a mentira e falai a verdade" - exorta o apóstolo. Isto inclui tanto a mentira que pronunciamos com as palavras, como as que cantamos quando entoamos os nossos hinos. Assim pois, ao abrirmos hoje os nossos hinários, em casa ou na igreja, cantemos "com o espírito, mas também ... com o entendimento" (I Coríntios 14:15), rogando ao Senhor o poder necessário para viver a mensagem expressa no cântico.

Enoch de Oliveira

Já Saiu!

PARÁBOLAS MODERNAS



POR MORRIS VENDEN

Dizem que somos todos ignorantes... só que sobre assuntos diferentes. Podes ser uma enciclopédia ambulante sobre computadores, mas não saber nada do que acontece debaixo do *capot* de um carro. Outra pessoa poderá ser um especialista em aviões e não perceber nada, mas *nada mesmo*, sobre cirurgia do cérebro.

Que ajuda enorme nos dá uma pessoa quando começa a explicar alguma coisa da qual nada sabemos, com "Um computador (um carburador... um avião... o cérebro humano) *é como...*"

A parte genial de uma parábola é relacionar o desconhecido com aquilo que conhecemos. Quando Jesus queria fazer passar a mensagem sobre algo abstracto como é a *fé, o amor e o reino dos céus*, era exactamente assim que o fazia. "O reino dos céus *é como...*" dizia Ele, e aí vinha uma *nova* parábola. As pessoas adoravam-nas! Como elas trazem o céu um pouco mais perto, as pessoas continuam a gostar de parábolas, hoje em dia, como o Pastor Morris Venden descobriu onde quer que pregasse. Aqueles que ouviram as parábolas modernas que ele partilha nos seus sermões, pedem-lhe constantemente que lhes dê cópias. Foi isso que ele fez, ao juntá-las neste livro. As parábolas que o livro contém? Bem, elas são como... Mas, pensando melhor, porque não as lês, tu próprio?

BROCHADO, 220 PÁGINAS
ESC: 650\$00



**Adquira-o na Sociedade Missionária
da sua igreja ou directamente na:**

Publicadora Atlântico, S.A.

R. Salvador Allende, Lote 18 2685 Sacavém
Telef.: (01) 9421232